AO ENCONTRO DO CONGRESSO | ROTEIROS: SOLIDÁRIOS EM PEDRÓGÃO GRANDE E CONTRA O ISOLAMENTO NO ALENTEJO | RECORDAR JOÃO ALMIRO | À CONVERSA COM JOÃO CARLOS SOUSA: «NUNCA TEREMOS UM ANTIBIÓTICO GORILO-CILINA»

REVISTA DA ORDEM DOS FARMACÊUTICOS

ROF

120 | Trimestral | Jul-Set 2017 | ISSN 087-7554 | €5

RUI IVO
«Apraz-me registar posição da farmácia portuguesa a nível europeu»

NOVOS HORIZONTES PARA A FARMÁCIA

PROTOCOLO

Santander Totta

A receita indicada para si

O Banco Santander Totta está sempre presente para lhe oferecer, em cada momento, uma relação privilegiada com o seu Banco.
A pensar em facilitar o seu dia-a-dia, colocamos ao seu dispor diversas soluções.
Consulte detalhadamente as condições do Protocolo.

Damos mais valor ao seu ordenado.

Sumário

5 EDITORIAL

6 ROTEIROS FARMACÊUTICOS
No combate ao isolamento e no apoio aos mais carenciados

10 TEMA DE CAPA
A Farmácia do sec XXI

18 RECORDAR
João Almiro

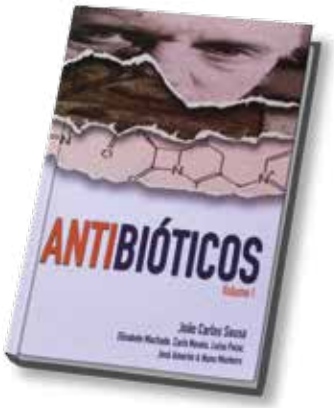
24 CONGRESSO NACIONAL DOS FARMACÊUTICOS'17
Ana Paula Martins: O que o Congresso nos quererá dizer
EXPOFARMA, uma luz especial sobre o CNF'17

Empreendedorismo farmacêutico no simpósio que antecede o CNF'17, pág. 26

30 ENTREVISTA
Rui Santos Ivo: «O Infarmed tem sido um parceiro ativo e forte no sistema europeu do medicamento»

36 PARCEIROS
Alzheimer e o papel do farmacêutico

38 ESTUDOS
Antibióticos - nem com eles, nem sem eles



Novo livro de João Carlos Sousa, pág. 38

NOTÍCIAS

18 FARMACÊUTICOS
recuperam carreira

19 OF REUNIU SINDICATO E ASSOCIAÇÕES SETORIAS
para analisar empregabilidade na farmácia comunitária

Manuel Pimenta recebeu Medalha de Honra da OF, pág. 20

20 O DIA DE HOMENAGEM
aos farmacêuticos

20 FARMACÊUTICOS QUE COMPLETAM
50 anos de licenciatura em 2017

Ficha técnica

DIRETORA Ana Paula Martins (Bastonária) **CONSELHO EDITORIAL** Ana Cristina Rama, Ema Paulino, Franklim Marques, Helena Farinha, João Almeida, João Norte **COORDENAÇÃO EXECUTIVA** Miguel Vieira e Pedro Nandin de Carvalho **REDAÇÃO** Ana Domingos, Beatriz Vasconcelos, Carla Torre, Fernando Brandão, Jorge Batista, Liliane Pinheiro, Lúcia Santos, Luís Baião, Maria Luís Santos, Nuno Cardoso, Ricardo Santos, Sara Torgal, Sofia Crisóstomo, Vânia Paulino (Secretária de Redação) **JORNALISTAS CONVIDADOS** Sónia Graça e Ricardo Nabais **FOTOGRAFIA** Pedro Mensurado **PUBLICIDADE** Ordem dos Farmacêuticos, Rua da Sociedade Farmacêutica, 18; 1169-075 Lisboa; Tel. : 213 191 380; Fax: 213 191 399; e-mail: comunicacao@ordemfarmaceuticos.pt **DESIGN** Pedro Martins **PAGINAÇÃO** Sofia Duarte **PRODUÇÃO GRÁFICA** Inprintout **PROPRIEDADE, EDITOR E REDACÇÃO** Ordem dos Farmacêuticos - Rua da Sociedade Farmacêutica, 18; 1169-075 Lisboa **NIPC:** 500 998 760 **Tel.:** +351 213 191 380; **fax:** +351 213 191 399; **e-mail:** geral@ordemfarmaceuticos. pt **Depósito legal** n.º 77129/94 **Publicação inscrita na ERC sob o n.º** 118027 **Publicação** trimestral; ISSN 0872-7554 | A ROF é acessível em formato eletrónico no sítio da Ordem dos Farmacêuticos, em www.ordemfarmaceuticos.pt **Tiragem em papel:** 1.500 exemplares **Assinatura anual:** 20€

A ROF, Revista da Ordem dos Farmacêuticos adota as regras do acordo ortográfico.

Os artigos assinados não refletem necessariamente o ponto de vista da Ordem dos Farmacêuticos

Advancing Therapeutics, Improving Lives.

GILEAD
Advancing Therapeutics.
Improving Lives.

Há 30 anos que a Gilead investiga e desenvolve medicamentos inovadores em áreas de importante necessidade médica como a infeção pelo VIH/SIDA, Hepatites Virais Crónicas, Infeções Fúngicas Sistémicas, Doenças Respiratórias e Cardiovasculares e na área da Hemato-Oncologia.

Trabalhamos diariamente para melhorar a esperança e a qualidade de vida dos doentes afetados por estas patologias.

Em todas as nossas atividades, privilegiamos a responsabilidade social, desenvolvemos e apoiamos projetos de investigação, programas educativos e fóruns de discussão centrados na prevenção, na educação para a saúde, no diagnóstico, no tratamento e nas políticas de saúde.

Na Gilead, acreditamos que os medicamentos que desenvolvemos devem estar ao alcance de todas as pessoas que deles necessitam.

Gilead Sciences, Lda.
Atrium Saldanha, Praça Duque de Saldanha, n.º 1 - 8.º A e B,
1050-094 Lisboa - Portugal | Tel.: 21 792 87 90 - Fax: 21 792 87 99
N.º de contribuinte: 503 604 704. Informação médica através
de N.º Verde (800 207 489) ou departamento.medico@gilead.com.
Os acontecimentos adversos deverão ser notificados e comunicados
à Gilead Sciences, Lda., por telefone, fax ou para portugal.safety@gilead.com.
Data de preparação: março 2017 | 000/PT/17-03/IN/1242

Bastonária da Ordem dos Farmacêuticos

Editorial

Bem-vindos ao Congresso Nacional dos Farmacêuticos!

Colegas, esta ROF foi preparada especialmente para acompanhar-vos, congressistas, nos dias em que decorre o encontro máximo dos farmacêuticos portugueses. São páginas de atualidade, novas ideias, sublinhados de boas práticas…

O CNF'17 foi desenhado, sob a direção do Professor Jorge Gonçalves, para pensarmos o futuro. Essa reflexão não é introspetiva, ainda que alguma introspeção possa vir a propósito e não deva ser, obviamente, enjeitada. Mas pretende-se, antes, pensar o papel do farmacêutico integrado na sociedade e no sistema de saúde, ajudando os cidadãos e facilitando o acesso ao medicamento e a outros cuidados. Especialmente o medicamento, pois a ideia-força do Congresso é: "Medicamentos para todos".

Da nossa assembleia dos dias 12, 13 e 14 deveremos sair optimistas. Acabámos de conquistar a carreira para os farmacêuticos hospitalares ou para aqueles que entre nós exercem a sua atividade no sector público – foi um momento alto para todos e para o País. Noutra vertente, vamos encetar, em breve, junto das forças parlamentares e políticas, uma abordagem racional sobre as análises clínicas procurando novas orientações para o atendimento dos cidadãos e realização dos seus exames de modo a preservar a rede de laboratórios existente e que funciona, bem, em complementaridade com o sistema público.

E aguardamos com ansiedade uma série de reformas destinadas a revitalizar a rede de farmácias comunitárias: um novo regime de atendimento ao público e distribuição domiciliária; novas regras para acabar com a concorrência desleal ao nível dos descontos praticados ao balcão; a instituição de serviços que complementem os que já se praticam nas nossas farmácias e representem relevantes mais-valias para quem frequenta as farmácias.

É este último tema – o futuro das farmácias – que faz a capa da ROF e é abordado de forma profissional, em ritmo de reportagem. Descrevem-se experiências, apontam-se caminhos, registam-se impressões. De um modo geral, todos sentimos que precisamos de mudar, precisamos de nos aproximar mais dos cidadãos. E isso tem de ser possível a bem da atividade farmacêutica, da Saúde e do País.

Além desta reportagem e dos textos de apresentação do CNF'17, podemos ler neste número da ROF uma importante entrevista com o dr. Rui Ivo, vice-presidente do Infarmed, ao longo da qual nos fala da sua experiência de dirigente e do futuro da instituição que tanto diz aos farmacêuticos.

A ROF oferece ainda um trabalho feito pelo jornalista Ricardo Nabais ouvindo o professor João Carlos Sousa sobre a luta antibacteriana, cujas resistências representam um verdadeiro flagelo para a Saúde Pública.

Esta revista também dá conta (continua a fazê-lo) dos últimos passos dos Roteiros Farmacêuticos, uma iniciativa que cada vez mais considero central na agenda da Direção Nacional e que tem permitido recolher retratos muito fiéis da realidade ou realidades que rodeiam os farmacêuticos por todo o país.

Dou-vos as boas vindas à ROF e desejo-vos um bom Congresso.

Ana Paula Martins

> DE UM MODO GERAL, TODOS SENTIMOS QUE PRECISAMOS DE MUDAR, PRECISAMOS DE NOS APROXIMAR MAIS DOS CIDADÃOS. E ISSO TEM DE SER POSSÍVEL A BEM DA ATIVIDADE FARMACÊUTICA, DA SAÚDE E DO PAÍS.

NO COMBATE AO ISOLAMENTO E NO APOIO AOS MAIS CARENCIADOS

Os Roteiros Farmacêuticos passaram no Alentejo, nos dias 10 e 12 de julho, para mais um conjunto de visitas aos colegas farmacêuticos, desta feita no interior do País e sob o típico calor do verão alentejano. Dias depois, deflagrava o incêndio na região de Pedrógão Grande, o que motivou a visita à região para contacto com os colegas que prestaram auxílio às populações.

Farmácia Baeta Rebelo, Pedrogão Grande

A bastonária da Ordem dos Farmacêuticos (OF), Ana Paula Martins, deslocou-se à região de Pedrógão Grande para contactar com os farmacêuticos das zonas afetadas pelos fogos que consumiram esta região do País em meados de junho. Integravam a sua comitiva representantes da Administração Regional de Saúde do Centro, da Associação Nacional das Farmácias e da Associação Dignitude.

A iniciativa integrada no projeto Roteiros Farmacêuticos juntou os responsáveis da Farmácia Baeta Rebelo, em Pedrógão Grande, das Farmácias Vidigal e Gameiro, ambas em Figueiró dos Vinhos, e da Farmácia Dinis Carvalho, em Castanheira de Pera, para analisar a sua intervenção durante e depois dos incêndios. Ao visitar algumas destas unidades, e contactar com colegas farmacêuticos, funcionários e utentes das farmácias, os dirigentes associativos perceberam o tipo de apoio prestado às populações e as suas maiores carências e necessidades atuais.

A bastonária Ana Paula Martins ouviu relatos e histórias comoventes, de pessoas que perderam familiares e amigos, que ficaram sem as suas casas ou que viram boa parte dos seus bens destruídos pelas chamas. Registou com especial apreço a disponibilidade e a prontidão dos colegas, cuja intervenção extravasou em muito o domínio da Saúde. Nestas localidades cercadas pelo fogo, as farmácias mantiveram sempre a porta aberta, cumprindo o regime de turnos e disponibilidades definido para a região e lidaram bem de perto com o sofrimento dos habitantes locais. Na prática, foi como se fizessem parte das equipas de emergência. De forma espontânea, os utentes recorriam à farmácia para relatar a sua história, pedir auxílio ou aconselhamento sobre produtos de saúde indicados para a situação que viviam.

A bastonária espera que estas experiências possam, de algum modo, ajudar a definir e a preparar os restantes colegas para lidar com situações de emergência e calamidade, em especial nas regiões mais isoladas. Estes profissionais de saúde estão sempre disponíveis para ajudar as equipas de emergência numa resposta integrada e adequada às necessidades das povoações, bem conhecidas dos farmacêuticos locais.

OF DISPONIBILIZOU APOIO AS AUTORIDADES

Tal como já havia feito nos dias em que o incêndio esteve ativo, em carta enviada aos presidentes de Câmara e de Juntas de Freguesia da região, a bastonária reiterou a total disponibilidade da OF, quer a nível nacional, quer a nível regional, através dos seus representantes locais, para apoiar as autoridades do distrito de Coimbra. A OF está também a estudar a possibilidade de ativar o seu Fundo de Solidariedade para apoiar os farmacêuticos das regiões afetadas pelos incêndios. Conforme foi possível apurar, as farmácias que disponibilizaram medicamentos e produtos de saúde e que prestaram assistência na altura dos incêndios estão a ser ressarcidas pelas instituições. No entanto, existem ainda algumas situações pontuais que merecem uma atenção particular, relacionadas, fundamentalmente, com as "contas correntes" de alguns utentes que vieram a falecer nesta tragédia ou de "vendas suspensas" que aguardavam a entrega da prescrição médica.

Foi também com esta abertura que várias entidades e organizações do setor, entre as quais a OF, se juntaram para ajudar a recuperar uma habitação destruída pelo fogo, numa campanha que foi impulsionada pela distribuidora farmacêutica Plural. Também a Associação Dignitude, que integra a ANF, Apifarma, Plataforma Saúde em Diálogo e Cáritas Portuguesa, está no terreno para avaliar e prestar apoio às famílias e utentes em elevada carência, assegurando que continuam a ter acesso à medicação de que precisam. Ao abrigo do programa Abem, será disponibilizado durante os próximos três meses apoio financeiro para aquisição de medicamentos.

A OF, em estreita ligação com outras estruturas representativas do setor farmacêutico, continuará acompanhar as necessidades em saúde das populações locais e em estreito contacto com os farmacêuticos da região, assumindo o compromisso de agilizar uma resposta cooperante e integrada aos pedidos endereçados pelas autoridades e população afetada, numa disponibilidade que acredita ser extensível a todos os farmacêuticos portugueses e sentida, muito particularmente, pelos recursos farmacêuticos da região.

PROFISSIONALISMO E PROXIMIDADE NO ALENTEJO

O Roteiro Farmacêutico pela região do Alentejo passou por farmácias, laboratórios de análises clínicas e pelos dois grandes hospitais da região, em Évora e Beja, evidenciando a multiplicidade de intervenções dos farmacêuticos, também no interior do país.

Na Unidade Local de Saúde do Baixo Alentejo (ULSBA), em Beja, a bastonária foi recebida pela presidente do Conselho de Administração, Conceição Margalho, numa reunião em que esteve também a diretora dos Serviços Farmacêuticos, Vitória Samudio. As três responsáveis analisaram algumas especificidades da atividade desta unidade hospitalar, desde a organização e articulação com os cuidados de saúde primários à dificuldade em captar profissionais de saúde no interior do País. No que à Farmácia Hospitalar diz respeito, foi aprofundado o tema das ações inspetivas realizadas pelo Infarmed, muito particularmente as não-conformidades detetadas na preparação de citotóxicos no hospital de dia da ULSBA, neste momento a cargo de enfermeiros. O hospital vive um impasse nesta matéria devido aos

Farmácia Paços, Évora

Hospital do Espírito Santo, Évora

sucessivos atrasos no início das obras na câmara de fluxo laminar. Só após a conclusão deste projeto os farmacêuticos vão assumir responsabilidades nesta área, tendo já sido recrutados quatro novos colaboradores para essas funções – dois farmacêuticos e dois técnicos –, que já receberam formação para o efeito em duas unidades de saúde em Lisboa, faz já quase um ano.

A este propósito, a bastonária recordou experiências de colegas de outros hospitais que tem visitado no âmbito dos Roteiros Farmacêuticos. Ana Paula Martins assegurou que muitos entraves, barreiras e dificuldades que os farmacêuticos hospitalares sentem no seu dia-a-dia poderiam ter sido facilmente ultrapassados com um melhor planeamento na remodelação das infraestruturas e com o seu envolvimento nos projetos de renovação das instalações. Para a bastonária, estes profissionais facilmente detetariam incongruências e requisitos técnicos não preenchidos e que condicionam a sua atividade.

Na conversa com a presidente do Conselho de Administração foi também reforçada a importância do acesso ao registo clínico dos doentes pela equipa da farmácia hospitalar, não necessariamente por toda a equipa de sete farmacêuticos, mas fundamentalmente por todos aqueles que estão envolvidos em atividades assistenciais, nomeadamente juntos dos doentes em ambulatório. Esta ferramenta revela-se fundamental em atividades como a validação da prescrição ou na monitorização da terapêutica dos doentes, tal como já acontece na área da hepatite, em que é disponibilizado o acesso físico ao processo clínico do doente. A bastonária e a presidente do hospital concordaram que este tema deverá ser alvo de análise e parecer da Comissão de Farmácia e Terapêutica.

> // AS FARMÁCIAS CONHECEM E VIVEM DE PERTO OS PROBLEMAS DAS COMUNIDADES QUE SERVEM. EM PEDRÓGÃO GRANDE, FIGUEIRÓ DOS VINHOS E CASTANHEIRA DE PERA, OS FARMACÊUTICOS COMUNITÁRIOS FORAM MUITO ALÉM DAS SUAS FUNÇÕES. FORAM PARA A RUA, AJUDAR AS SUAS POPULAÇÕES, APOIAR OS SEUS AMIGOS.

Dois dias depois, na visita ao Hospital do Espírito Santo (HES), em Évora, a bastonária esteve reunida com todo o Conselho de Administração, num encontro que teve também a presença do presidente da Administração Regional de Saúde (ARS) do Alentejo, José Robalo, que acompanhou aos Serviços Farmacêuticos, dirigidos pela farmacêutica especialista Luísa Pereira.

Também nesta unidade hospitalar se evidenciaram as dificuldades na captação e fixação de recursos humanos. Segundo explicou a presidente, o HES tem a vocação de um hospital central para toda a zona do Alentejo, mas um financiamento público que não corresponde a toda a área de influência indireta, num total de quase 500 mil pessoas.

O grande projeto e ambição destes responsáveis e dos profissionais que aí trabalham é a construção do novo hospital, projeto que o ministro da Saúde já anunciou poder ser lançado no próximo ano e que irá contribuir, seguramente, para ultrapassar as dificuldades suscitadas por um hospital com mais de quinhentos anos de história.

Os Serviços Farmacêuticos estão sedeados num edifício contíguo, com instalações próprias que asseguram o cumprimento dos mais exigentes normativos de segurança e a qualidade da assistência medicamentosa aos doentes. No percurso pelas instalações da farmácia, a diretora técnica e restantes dirigentes hospitalares foram apresentando a equipa de colaboradores, as suas responsabilidades e principais operações, sendo unanimemente enaltecida a excelente relação com a restante equipa de profissionais de saúde do hospital, conforme foi aliás testemunhado pela diretora clínica, quando se referiu às reuniões semanais entre a equipa médica e de farmacêuticos para análise do plano terapêutico dos doentes.

A diretora técnica da farmácia realçou também que o exercício profissional em Farmácia Hospitalar abrange hoje várias novas valências, dando como exemplo a intervenção dos farmacêuticos hospitalares na avaliação da inovação terapêutica ou no acompanhamento dos doentes em ambulatório.

Farmácia Vidigal, Figueiró dos Vinhos

Farmácia Gameiro, Figueiró dos Vinhos

Laboratório de Análises Clínicas Dr. Flaviano Gusmão, Évora

Esta responsável advertiu, no entanto, para o facto de as fragilidades da Farmácia Hospitalar em termos de recursos humanos poderem colocar em causa a segurança dos doentes e reforçou a importância das unidades hospitalares estarem preparadas para alterações de pessoal. Conforme recordou, quando a equipa perde um farmacêutico, de forma temporária ou permanente, são necessários mais quatro ou cinco anos de preparação do novo colega para que possa assumir as mesmas responsabilidades.

Após esta visita ao HES, o presidente da ARS Alentejo conduziu a comitiva da OF numa visita aos Serviços Farmacêuticos da ARS, sedeados no edifício da Unidade de Saúde Familiar "Sol", inaugurada em Évora há cerca de um mês pelo secretário de Estado da Saúde. Estes Serviços Farmacêuticos da ARS Alentejo prestam apoio aos cuidados de saúde primários (10 unidades de saúde familiar e 8 Unidades de Cuidados de Saúde Personalizados (UCSP). A diretora Magda Ornelas apresentou as atividades desenvolvidas e explicou a organização do departamento, assente em armazéns avançados em cada uma das unidades, em que a gestão de stocks é feita em parceira com os enfermeiros e gerida à distância, com informação em tempo real sobre consumos e necessidades de reposição. Entre os temas abordados com o presidente da ARS, José Robalo, estiveram também a dinamização da Comissão de Farmácia e Terapêutica da ARS e a implementação de um projeto-piloto pelos Serviços Farmacêuticos da ARS para promover a reconciliação da terapêutica dos doentes que são internados no HES, bem como dos doentes que recebem alta e passam a ser seguidos nos cuidados de saúde primários.

LABORATÓRIOS CLÍNICOS AFETADOS PELA INTERNALIZAÇAO

Neste roteiro pelo Alentejo, a bastonária visitou também dois laboratórios de análises clínicas, em Évora e Beja, que são exemplos vivos de resistência e dedicação dos farmacêuticos analistas a um modelo de proximidade dos meios complementares de diagnóstico e terapêutica (MCDT). Um pouco por todo o país, verificam-se encerramentos, vendas ou transformações em postos de colheita de muitas destas unidades de pequena e média dimensão, quando até há poucos anos a rede de laboratórios de proximidade cobria o país de forma homogénea, garantindo elevada acessibilidade aos meios de diagnóstico. As poucas unidades que ainda restam no interior do país combinam os problemas relacionados com a interioridade e desertificação com decisões das administrações hospitalares locais de internalização das análises clínicas, condicionando a atividade dos operadores convencionados com o Serviço Nacional de Saúde.

Em Beja, a bastonária visitou o Laclibe - Laboratório de Análises Clínicas de Beja, uma unidade fundada há mais de 30 anos pelos farmacêuticos José Augusto Parreira Cardoso e Fernando Fernandes, aos quais se juntou depois o colega Armindo Gonçalves, que assume atualmente a direção técnica. Com mais de uma dezena de postos de colheita espalhados pela região – um em cada sede dos concelhos do distrito de Beja –, o Laclibe é o único laboratório clínico sedeado no Baixo Alentejo. Tem um quadro de pessoal composto por 23 colaboradores, 4 dos quais farmacêuticos, na sua maioria especialistas em Análises Clínicas pela Ordem dos Farmacêuticos. Ao longo destes anos, foi investindo fortemente em equipamentos e instalações que alargaram o leque de valências e capacidade instalada. No entanto, em 2011, a ULSBA decretou a internalização das análises clínicas no hospital e no laboratório de saúde pública, justificando a decisão com esse mesmo aproveitamento da capacidade instalada.

> HOSPITAIS, FARMÁCIAS E LABORATÓRIOS DE ANÁLISES CLÍNICAS FIZERAM PARTE DE MAIS UM PERCURSO QUE EVIDENCIOU A MULTIPLICIDADE DE INTERVENÇÕES DOS FARMACÊUTICOS, TAMBÉM NO INTERIOR DO PAÍS.

No início, recorda Armindo Gonçalves, os doentes podiam continuar a ir aos laboratórios privados, mas depois alteraram o formato da requisição e deixou de ser aceite para efeitos de comparticipação, colocando em causa, em termos práticos, o regime de convenções que baliza a relação entre o Estado e os operadores privados nesta área. Apesar de uma diminuição drástica no número de cidadãos e, consequentemente, do volume de faturação, o Laclibe vai garantindo a sua sobrevivência com um serviço de qualidade e comodidade para o doente, que é valorizado principalmente por utentes de outros subsistemas e seguros de saúde.

A preocupação destes responsáveis foi transmitida pela bastonária à presidente do Conselho de Administração da ULSBA, em especial sobre o eventual alargamento da medida a outros concelhos circundantes, o que colocaria em causa a viabilidade dos postos de colheita e do próprio laboratório. Da parte da administração, a bastonária registou com agrado a posição de principio manifestada e a confiança no compromisso de se proceder a uma avaliação séria e serena, distante de quaisquer ideologias políticas, que permita aferir as vantagens económicas e também sociais de um e outro modelo de acesso aos MCDT.

Estes temas estiveram também em cima da mesa na visita ao Laboratório de Análises Clínicas Dr. Flaviano Gusmão, em Évora, dirigido pelo farmacêutico analista clínico Fernando Calisto, que seguiu um legado deixado por duas gerações de uma família de farmacêuticos de Évora, que deu nome ao laboratório. Em 1990, já sob a gerência de Fernando Calisto, deu-se a adesão ao grupo Labco, num modelo de sociedade de laboratórios que, de acordo com este responsável, garante a autonomia técnica, científica e de gestão das unidades locais e regionais e que permite a partilha de recursos e economias de escala.

O Laboratório Dr. Flaviano Gusmão atende cerca de 400 utentes por dia, num universo de mais de 50 postos de colheita espalhados por todo o Alentejo. Na visita às instalações desta unidade, a bastonária felicitou a equipa de colaboradores e reencontrou colegas farmacêuticos do ramo das Análises. Foi assim possível conhecer o enquadramento da atividade destas unidades de saúde na região de Évora,

os desafios e oportunidades que se colocam a estes operadores e aos farmacêuticos, designadamente as suas necessidades formativas e de desenvolvimento profissional.
A bastonária assegurou a estes responsáveis que o setor das Análises Clínicas será alvo de uma reflexão cuidada sobre o seu futuro, sendo premente a definição de uma estratégia que preveja um modelo organizativo que assegure aos doentes a qualidade e proximidade ao diagnóstico clínico, independentemente da natureza dos operadores e garantindo a complementaridade com o setor público onde esta é efetivamente necessária.

Farmácia Central, Mora

FARMÁCIAS AO SERVIÇO DAS COMUNIDADES

O percurso deste Roteiro envolveu ainda visitas a três farmácias comunitárias em diferentes zonas do Alentejo: a Farmácia Alentejana, em Castro Verde, a Farmácia Paços, em Évora, e a Farmácia Central, em Mora. Em todas estas visitas, a bastonária explicou o processo legislativo em curso para regulamentação do conjunto de serviços que podem ser disponibilizados nas farmácias por farmacêuticos e por outros profissionais.
Em Castro Verde, a bastonária foi conhecer o projeto vencedor do Prémio João Cordeiro Inovação em Farmácia. À chegada, a diretora técnica, Celeste Caeiro, apresentou a equipa de colaboradores, entre os quais quatro farmacêuticos, e as instalações da farmácia, dando especial ênfase ao gabinete de Serviços Farmacêuticos, que garante um atendimento personalizado e especializado aos seus utentes.
Celeste Caeiro descreveu então o Sistema Personalizado de Dispensa de Medicamentos que implementou na sua farmácia e que valeu a distinção no final do ano passado, abrangendo cerca de 40 doentes. Embora em contante desenvolvimento e aperfeiçoamento, a diretora técnica pretende agora alargar a sua utilização a outros colegas, existindo entidades interessadas na sua distribuição. A farmacêutica descreveu também o projeto em curso com uma associação local – a comunidade terapêutica Quinta Horta da Nora, da Associação de Recuperação de Toxicodependentes – para preparação e entrega de medicação.
A bastonária reconheceu a mais-valia destes serviços personalizados, que, em seu entender, deveriam ser remunerados, e até comparticipados pelo Estado, por exemplo, para doentes com três ou mais patologias. Além de minimizar os erros de medicação, o serviço facilita a adesão à terapêutica, em particular em doentes idosos polimedicados, em que a introdução de nova medicação ou de um novo medicamento genérico levanta sempre algumas dúvidas.
Também na Farmácia Paços em Évora, a bastonária ficou a conhecer os vários serviços prestados pela equipa de farmacêuticos, em especial no domínio da preparação de manipulados, área em que a farmácia se assume como uma referência na região. O proprietário e diretor técnico, António Paços, e a filha, Raquel Paços, também farmacêutica, descreveram a relação com os seus utentes e o envolvimento em algumas ações de rua, junto da comunidade, como foram os recentes casos no Dia da Criança e na Meia Maratona de Évora, em que a Farmácia Paços foi chamada a colaborar de diferentes maneiras.
O carácter generoso e altruísta deste farmacêutico revela-se também nos apoios a várias coletividades da cidade de Évora. Recentemente, ofereceu tocas para as crianças do clube de natação local, mas tem vindo a apoiar também várias outras iniciativas na região, designadamente o clube da cidade, o Lusitano de Évora.
A última etapa do Roteiro pelo Alentejo passou pela vila de Mora, a norte de Évora. Na visita à Farmácia Central, a bastonária observou um serviço diferenciado, personalizado, que se destaca logo à chegada pelo convite que é dirigido aos utentes para se sentarem diante do farmacêutico, sem a pressa caraterística dos grandes centros urbanos. Este simples gesto enriquece o ato de dispensa de medicamentos e aconselhamento farmacêutico, fomentando a relação de proximidade e a abertura para deteção de eventuais complicações relacionadas com medicamentos ou com a saúde dos utentes.
Os colegas farmacêuticos comunitários Mónica Condinho e Carlos Sinogas apresentaram este modelo de atendimento, cujos resultados são visíveis no próprio relacionamento com os utentes, que numa povoação como Mora, com cerca de cinco mil habitantes é de natural proximidade e afinidade. A Farmácia Central disponibiliza uma Consulta Farmacêutica que é altamente requisitada e também estimada pela população, para aconselhamento e acompanhamento nas mais variadas áreas, como a diabetes, hipertensão, gravidez, entre outras, e dispõe de um sistema de Preparação Individualizada da Medicação para doentes polimedicados.
No final destas visitas a bastonária elogiou o rigor e o profissionalismo de todos estes farmacêuticos, que junto de populações mais isoladas e envelhecidas desempenham um papel social fundamental e são merecedores da sua confiança, num valor inestimável para toda a profissão.

ULS Baixo Alentejo, Beja

PERCURSOS

10 JUL'17
- ULSBA, Beja
- Laclibe, Beja
- Farmácia Alentejana, Castro Verde

12 JUL'17
- Hospital do Espírito Santo, Évora
- ARS Alentejo, Évora
- Laboratório de Análises Clínicas Dr. Flaviano Gusmão, Évora
- Farmácia Paços. Évora
- Farmácia Central, Mora

18 JUL'17
- Farmácia Baeta Rebelo, Pedrogão Grande
- Farmácia Vidigal, Figueiró dos Vinhos
- Farmácia Gameiro, Figueiró dos Vinhos

A FARMÁCIA DO SÉCULO XXI

Os tempos mudaram e a farmácia comunitária também. Novos medicamentos, novos serviços e um novo modelo de financiamento já tiveram luz verde do Governo – que pôs em marcha uma série de reformas inéditas que prometem revolucionar um setor esmagado pela crise. Sustentabilidade, articulação e proximidade são palavras-chave para o futuro.

Sónia Graça, jornalista convidada

É possível adquirir medicamentos sem sair do carro? Na farmácia da Cumieira, em Fafe, sim, graças ao sistema 'Farma Drive', instalado há três anos. E é possível ter um blíster com todos os medicamentos a tomar durante a semana? Na Cumieira, sim. «Somos pouco acomodadas», admite, com um sorriso, Sónia Mendes, sócia e diretora adjunta da farmácia que gere com a amiga e colega de curso Olga Baptista, ambas de 41 anos.

Ali, os utentes não têm desculpa para se enganar ou esquecer de tomar a medicação. Há dois anos que a farmácia disponibiliza o serviço de preparação individualizada de medicamentos, concebido especialmente para idosos polimedicados e doentes crónicos. «É um fator de fidelização e é visto como uma mais-valia tanto por doentes como familiares», garante Olga Baptista, lembrando que cerca de 50% dos doentes não toma ou toma incorretamente a medicação – por esquecimento, enganos, descrença nos efeitos, entre outras razões. Numa região onde a iliteracia é significativa, este serviço é ainda mais importante, nota Sónia Mendes.

Instituído em 2011, o programa destinou-se na altura a doentes de lares e unidades de cuidados continuados e começou por abranger 250 utilizadores. Entretanto alargado aos utentes de balcão, hoje chega a centena e meia de pessoas. Em plena crise, este foi um meio de «manter o volume de negócio e não despedir», admite a diretora técnica da farmácia minhota, situada numa vivenda com um amplo parque de estacionamento. Pela preparação e entrega semanal dos blísteres, os clientes pagam 15 euros por mês, valor «difícil de suportar para muitos», reconhece Olga Baptista, defendendo que o serviço devia ser prescrito pelo médico e comparticipado pelo Estado. A própria farmácia, defende, devia ser remunerada, pois os custos inerentes, incluindo tempo e mão-de-obra, são inegáveis (note-se que a farmácia criou, em parceria com uma startup de Braga, uma

plataforma informática de apoio à gestão do mapa terapêutico, que permite o contato do médico da instituição com o farmacêutico, sendo este notificado automaticamente sempre que aquele altera a medicação).

TODOS OS SERVIÇOS FARMACÊUTICOS DEVEM SER VALORIZADOS E REMUNERADOS

João Almeida, membro da direção nacional da Ordem dos Farmacêuticos (OF), defende que todos os serviços farmacêuticos devem ser valorizados e remunerados, à semelhança do que já sucede com o programa troca de seringas. Ema Paulino, presidente da Secção Regional do Sul e Regiões Autónomas da OF, lembra que este é, de resto, um princípio vigente em muitos países europeus. «Em Portugal temos dos melhores setores de farmácia comunitária do mundo e não estamos atrás no que toca ao desenvolvimento de serviços farmacêuticos. Contudo, noutros países, estes serviços têm outro nível de reconhecimento, uma vez que são valorizados no contexto do serviço público e/ou de seguradoras privadas de saúde. Por exemplo, no Reino Unido, o serviço New Medicine Service, de promoção da adesão à terapêutica, é pago pelo NHS (UK National Healthcare Service). Na Suíça, a preparação individualizada da medicação é reembolsada pelas seguradoras. E, na Irlanda, o serviço de vacinação é contratualizado com o serviço nacional de saúde», exemplifica a secretária profissional da Federação Internacional Farmacêutica (FIF).

A preparação da medicação, associada à gestão e reconciliação da terapêutica, é um dos novos serviços farmacêuticos que o Governo se prepara para regulamentar, num quadro de reformas inéditas que estão a transformar a farmácia e a sua relação com o SNS e os utentes – um dos mais simbólicos exemplos é a recém-aprovada

dispensa de medicamentos até agora exclusivos dos hospitais, como os antirretrovirais (o projeto piloto, em curso, pretende envolver 206 farmácias e 760 doentes, até agora seguidos no Hospital Curry Cabral).

A verdade é que farmácias como a da Cumieira, também por força das vicissitudes da crise, anteciparam-se e foram alargando o catálogo de serviços, incluindo os de saúde e bem-estar. «Fomos forçadas a adaptar-nos, de contrário não estaríamos cá», confessa Olga Baptista. «Hoje em dia, o utente procura um local onde encontre o máximo de soluções possível. E a farmácia é o mais acessível», corrobora a sócia. Além do core business da atividade – que inclui a clássica medição de parâmetros (o serviço mais requisitado pelos utentes) e a administração de vacinas e medicamentos –, os utentes têm ao dispor consultas de nutrição, cessação tabágica, podologia, optometria e audiologia, todas pagas. Entretanto, preparam-se para introduzir a suplementação desportiva com aconselhamento personalizado (dois farmacêuticos estão a fazer formação na área). «Os suplementos vendem-se em ginásios e na internet, sem qualquer acompanhamento. Isso deve mudar, porque há riscos associados», nota Sónia Mendes.

PSICOLOGIA, ENFERMAGEM E HIGIENE ORAL NA FARMÁCIA?

A prestação destes serviços de saúde está a ser discutida no âmbito de um projeto de portaria que, sabe a ROF, está a gerar algumas resistências entre outros parceiros – pela primeira vez, são referidos cuidados de enfermagem, fisioterapia, higiene oral, nutrição, podologia, ortóptica, audiologia, psicologia e terapia da fala (além das análises clínicas, já previstas na atual portaria, embora com outra nomenclatura).

«É importante, antes de mais, distinguir os serviços farmacêuticos dos restantes e, depois, clarificar aqueles que as farmácias podem praticar e quem os superintende, definindo muito bem as balizas», sublinha o representante da OF, João Almeida. Nuno Flora, secretário-geral da Associação Nacional das Farmácias (ANF), admite, por seu lado, que este processo poderá levar o seu tempo. «Acredito que esta mudança de paradigma não ocorra no imediato, mas não duvido que aconteça nos próximos dez anos. Com o encerramento de tantos serviços, incluindo centros de saúde, é do interesse de todos que a farmácia assegure serviços que desapareceram, nomeadamente cuidados de enfermagem. Esquecemos, por exemplo, que a atual portaria já prevê análises clínicas. Por que é que para o fazer, o utente tem de ir ao laboratório em Seia se na aldeia onde vive a farmácia tem um posto de colheita?» E conclui: «Não vale a pena tentar parar o vento com as mãos».

«Respondemos às necessidades e solicitações dos utentes, sempre com profissionais qualificados», ressalva a diretora adjunta da Cumieira, Sónia Mendes. Segundo um recente estudo do Centro de Estudos e Opiniões da Universidade Católica, 70% dos inquiridos disse que os serviços prestados pelas farmácias são adequados às necessidades e cerca de 29% considerou mesmo que poderia haver mais oferta (que é atualmente prestada por outras unidades de saúde) – os cuidados de saúde alargados foram um dos cinco serviços considerados mais importantes. À pergunta sobre qual o primeiro local que consultam quando surge um problema menor de saúde, 36% admitiu ser a farmácia, seguido do centro de saúde (27%). E quando têm alguma dúvida com medicamentos, a maioria (54%) recorre, mais uma vez, à farmácia.

«São simpáticas e desenrascam-me sempre que tenho algum problema», garante Isilda Pereira, utente da farmácia da Cumieira desde a abertura, em 2004. É aqui que costuma me-

> // O FOCO DEVE ESTAR NO SERVIÇO. QUANDO VAI AO MÉDICO, NÃO PAGA PELO NÚMERO DE RECEITAS QUE RECEBE, MAS SIM PELO ATENDIMENTO. ORA, OS FARMACÊUTICOS INFORMAM, ACONSELHAM, ENCAMINHAM E AJUDAM A RESOLVER PROBLEMAS. ALÉM DO TEMPO: UM SERVIÇO IMPLICA TER UM FARMACÊUTICO FECHADO NUMA SALA PELO MENOS CINCO A DEZ MINUTOS. NENHUM OUTRO PROFISSIONAL DE SAÚDE É TÃO ACESSÍVEL *LUÍS LOURENÇO*

dir a tensão e também foi aqui que comprou óculos. Na manhã em que a ROF visitou o estabelecimento, Isilda, de 62 anos, veio tirar uma dúvida: «Quero perguntar se a medicação que o meu marido (que se suspeita estar com Parkinson) começou a tomar há poucos dias (prescrita pelo neurologista) lhe está a fazer mal à bexiga. É que à noite vai muitas vezes à casa de banho…» Saudável nos seus 69 anos (só toma um comprimido para a tensão e outro para a próstata), Fernando também é um cliente fiel da Cumieira. «São práticas e atenciosas, gosto da maneira como nos informam». Todos os dias, chegam à farmácia, em média, 150 utentes. A proximidade e o espírito de missão caracterizam o atendimento, assegurado por uma equipa de sete farmacêuticos e técnicos. «Certo dia, um senhor alcoolizado chegou cá de mota com o filho menor. Não consegui deixá-lo ir naquelas condições e levei-os a casa, a 15 quilómetros daqui. O maior problema foi enfiar a mota no carro… Depois, ainda lhe marquei consulta no médico de família», recorda Sónia Mendes.

NO CACÉM, HÁ ROBÔ E FACEBOOK

Com uma forte política de responsabilidade social, a Farmácia Central, no Cacém, também dispensa muito mais do que medicamentos. Há pouco tempo, a equipa organizou uma recolha de fármacos para uma instituição que acolhe refugiados (campanha organizada pelo Banco Farmacêutico) e remodelou o bar de uma instituição do concelho que apoia com pessoas com deficiência. Aberta desde 1935, a farmácia foi desde sempre um negócio de família, hoje gerido por Luís Lourenço, depois de o avô lhe passar o testemunho há três anos. O farmacêutico, de 37 anos, tem o olhar posto no futuro. A palavra que ocorre de imediato ao entrar no estabelecimento, próximo da estação do Cacém, é inovação. Enquanto esperam pela sua vez, os utentes seguem, através de um ecrã, os movimentos de um robô que arruma, ágil e sem parar, medicamentos atrás de medicamentos, numa divisão por trás do balcão. O investimento coincidiu com a mudança de instalações da farmácia, há três anos. E, garante o proprietário, «compensa porque poupa-se muito tempo com a logística do medicamento e o atendimento também é mais rápido».

Na mesma altura, Luís Lourenço implementou o sistema de fichas de acompanhamento de utentes (sob autorização escrita dos mesmos, regista tudo o que é consumido na farmácia, bem como determinações bioquímicas). Esta base de dados, que já inclui 17 mil fichas, é uma mais-valia. «Melhorou a relação com o utente e permitiu-nos criar serviços avançados: podemos, por exemplo, informar pessoas que estão a fazer medicação para a doença de Alzheimer que temos um serviço de preparação da medicação, ou os diabéticos que há consultas de podologia… Isto é comunicação com valor acrescentado», ilustra o diretor técnico, que tem apostado simultaneamente numa «estratégia digital muito orientada para a informação e a promoção da saúde». Exemplo disso é a página de Facebook, criada há um ano e meio, e que tem sido uma alavanca importante. «De outra maneira, seria muito difícil chegar à nossa população». Com uma média de 280 utentes atendidos por dia, a Farmácia Central serve um público muito eclético – de miúdos a idosos com mais de 90 anos, embora haja uma fatia considerável de adultos na casa dos 50, altura em que começam a surgir doenças crónicas.

José Ferreira, de 55 anos, conhece a farmácia desde os tempos do avô de Lourenço e é um cliente fiel – às vezes, até entra só para cumprimentar. «Foi aqui que me descobriram a diabetes. Há tanta confiança que às vezes nem

> TODOS OS SERVIÇOS FARMACÊUTICOS DEVEM SER VALORIZADOS E REMUNERADOS, À SEMELHANÇA DO QUE JÁ SUCEDE COM O PROGRAMA TROCA DE SERINGAS
>
> *JOÃO ALMEIDA*

> HOJE EM DIA, O UTENTE PROCURA UM LOCAL ONDE ENCONTRE O MÁXIMO DE SOLUÇÕES POSSÍVEL. E A FARMÁCIA É O MAIS ACESSÍVEL
>
> *OLGA BAPTISTA*

preciso de ir ao médico, venho ao balcão e resolvo o problema. O atendimento é impecável, as pessoas fantásticas e os serviços muito variados», resume o comerciante, que já aconselhou a preparação individualizada a idosos.

LIGAR AO UTENTE OITO DIAS APÓS TOMAR MEDICAMENTO PELA PRIMEIRA VEZ?

Sim, na Farmácia Central do Cacém

A dispensa de medicamentos é encarada com particular atenção. «Há muito a trabalhar e o farmacêutico tem um potencial tremendo nesta área. Ao facultar um medicamento, há sempre uma avaliação clínica da nossa parte para despistar interações ou duplicações (graças à ficha do utente), ver se está a atingir o objetivo terapêutico…», explica Luís Lourenço. Outra prática corrente na farmácia – porém, única no país – é o follow-up do utente sempre que lhe é dispensado um medicamento pela primeira vez: «É contatado passados oito dias para ver como reagiu. Fizemos um estudo com 90 pessoas e concluímos que vale mesmo a pena fazê-lo. Por exemplo, no caso dos antidepressivos, que demoram a fazer efeito, as pessoas tendem a desistir ao fim da primeira semana.» Outro serviço, não menos importante, são as consultas farmacêuticas, implementadas há dois anos (uma das opções é um pacote de três sessões, que inclui avaliação inicial na primeira, intervenção na segunda e avaliação da intervenção por último). «No estudo inicial que abrangeu 130 pessoas, verificámos que há melhorias significativas: conseguimos reduzir, por exemplo, níveis de glicémia, hipertensão…», garante o farmacêutico, adiantando que será implementada uma consulta só para asmáticos e doentes com problemas respiratórios, um público mais sensível.

E, claro, já existe a preparação individualizada de medicamentos, implementada há dois anos, depois de Luís Lourenço ter ido à Austrália, onde o serviço é comparticipado. É pago, tal como os restantes (vacinação, medição de parâmetros, administração de injetáveis), incluindo os de saúde e bem-estar (nutrição e podologia). «Os serviços melhoram a qualidade de vida e ajudam a poupar, pois reduzem admissões nos hospitais», justifica o farmacêutico, que defende a remuneração de qualquer atividade de dispensa, e mesmo a não dispensa (como sucede no Canadá). «O foco deve estar no serviço. Quando vai ao médico, não paga pelo número de receitas que recebe, mas sim pelo atendimento. Ora, os farmacêuticos informam, aconselham, encaminham e ajudam a resolver problemas. Além do tempo: um serviço implica ter um farmacêutico fechado numa sala pelo menos cinco a dez minutos. Nenhum outro profissional de saúde é tão acessível».

Luís Lourenço admite que esta oferta – impulsionada pelo marketing e associada à otimização de stocks e redução de horas extraordinárias – ajudou a suportar os efeitos da crise, que uma boa almofada financeira também amorteceu. «Durante anos, o Estado foi-nos pedindo tudo e habituámo-nos a dar… Ainda hoje há quem não cobre pela vacinação», observa Nuno Flo-

ra, representante da ANF. Mas a gratuitidade tem os dias contados, tal como preconiza o acordo assinado em Fevereiro deste ano entre o Governo e a maior associação do setor. «Qualquer intervenção da farmácia deve ser avaliada por entidades independentes e remunerada, caso se prove que geramos poupança e benefício para o Estado. E isto deve aplicar-se a todos os serviços protocolados com o Governo», sublinha o responsável, aludindo, como exemplo, ao programa da troca de seringas, retomado no início do ano, que permitirá uma poupança estimada superior a dois milhões de euros ao longo de cinco anos (as 1.633 farmácias aderentes ganham 2,40 euros por cada kit dispensado em troca de seringas usadas). Para garantir a sustentabilidade e porque o modelo económico vigente é «obsoleto e não responde às necessidades», há que adotar novos sistemas remuneratórios, reforça Nuno Flora. E o incentivo à dispensa de genéricos, com uma remuneração fixa por embalagem, é outro exemplo positivo de partilha de ganhos.

NOVOS SERVIÇOS E MAIOR DIFERENCIAÇÃO PROFISSIONAL

Num setor em forte contração (nos últimos seis anos, a despesa do SNS com ambulatório desceu 28%), os sinais de retoma são muito lentos, com margens irrisórias (1,81 euros por embalagem) e estagnadas desde 2014. Entre finais de 2012 e Agosto deste ano, o número de insolvências e penhoras não parou de aumentar – 604 das quase três mil farmácias do país estiveram ou ainda estão nesta situação, o que representa 21% do setor. «Para manter as portas abertas, houve mesmo quem se despojasse de bens de família», lembra Manuela Pacheco, presidente da Associação de Farmácias de Portugal (AFP), frisando que este cenário prejudica sobretudo os utentes, pois «as ruturas de stock tornaram-se frequentes».

Mesmo assim, a porta-voz da AFP reconhece o «empenho do Governo em dialogar e trabalhar com todos os elos que compõem o SNS» e espera que, até ao fim da legislatura, estejam plenamente implementados serviços como a dispensa de antirretrovirais, a prevenção e deteção precoce da diabetes, e a preparação individualizada de medicamentos. «Um alargamento dos cuidados prestados pelas farmácias vai contribuir fortemente para a sustentabilidade do SNS e beneficiar diretamente os cidadãos», reforça Manuela Pacheco, defendendo que, para isso, «é preciso apostar na formação, incluindo no currículo académico áreas mais voltadas para a farmácia clínica».

Nuno Flora concorda, referindo-se a uma «maior diferenciação profissional». «O farmacêutico generalista deve manter-se, mas novos serviços exigem dos profissionais novas competências, seja pela dispensa de novos medicamentos (SIDA), seja pela prestação de novos serviços», vinca o responsável.

'HÁ QUE PÔR TODOS OS PROFISSIONAIS A COMUNICAR'

Há outros eixos de mudança no horizonte. Um deles passa por concretizar a articulação

LIMITAR OS DESCONTOS

Um dos propósitos assumidos pelo ministro Adalberto Campos Fernandes passa por limitar os descontos, em nome da proteção da concorrência e da sustentabilidade do setor. No projeto de despacho, a que a ROF teve acesso, determina-se que os descontos sobre a parte não comparticipada dos medicamentos não podem ser superiores a 3%.

A medida é aplaudida por todos os interlocutores ouvidos pela ROF. «Os descontos são praticados, na maioria dos casos, por unidades com maior poder económico e de forma indiscriminada, independentemente da capacidade financeira do pagador. A degradação do preço não é salutar, porque distorce a concorrência, pondo em risco a sustentabilidade dos mais pequenos», critica João Almeida, da OF, acrescentando que, de resto, «não faz muito sentido que o Estado fixe o preço e as margens e depois permita uma desregulação nos descontos».

Falando em concorrência, João Almeida acrescenta que também se impõe uma «revisão célere» da lista de medicamentos de dispensa exclusiva em farmácia, pois foi criada já depois da transferência de fármacos não sujeitos a receita médica para os novos espaços de comercialização – onde estão à venda, sem controlo nem aconselhamento, medicamentos como a pílula do dia seguinte. Ema Paulino, da FIF, corrobora: «A lista de medicamentos que podem ser vendidos fora das farmácias é excessiva, não tendo paralelo noutros países».

das farmácias com as estruturas do SNS, nomeadamente os centros de saúde. «Há que pôr todos os profissionais a comunicar, e isso passa por interligar sistemas», frisa Nuno Flora, exemplificando: «Hoje, as farmácias administram milhares de vacinas (mais de 500 mil, só entre Outubro e Dezembro do ano passado) e o Ministério da Saúde não sabe quem são nem onde estão estes utentes». João Almeida lembra, a propósito, que está em construção a base de dados em Saúde, uma plataforma que irá materializar este desiderato. «É muito importante que esta base seja o mais universal possível no que toca aos profissionais de saúde e aos elementos a partilhar», realça o representante da OF.

Já este ano, em Janeiro, a ANF assinou um protocolo com a Associação Nacional das Unidades de Saúde Familiar para colaborar em áreas como a literacia em saúde e a prevenção quaternária e da doença (programas experimentais previstos no acordo com o Governo). Para Ema Paulino, da OF, esta área representa, aliás, um «desafio» para os próximos anos: «Posicionar-nos como um local que ajuda o cidadão a manter-se saudável, um local que se assume como porta de entrada no sistema de saúde, promovendo a utilização de medicamentos não sujeitos a receita médica em afeções menores e, se e quando for diagnosticada alguma patologia que necessite de medidas farmacológicas, um local que o ajuda a tirar o maior partido da sua terapêutica.»

Por outro lado, há que potenciar a proximidade ao cidadão. «O apoio domiciliário deve aumentar (poucas unidades o fazem) e a farmácia tem de encontrar outras ferramentas para ir ter com as pessoas», afirma Nuno Flora, evocando o projeto de assistência farmacêutica

> OS SUPLEMENTOS VENDEM-SE EM GINÁSIOS E NA INTERNET, SEM QUALQUER ACOMPANHAMENTO. ISSO DEVE MUDAR, PORQUE HÁ RISCOS ASSOCIADOS
>
> *SÓNIA MENDES*

permanente – que, segundo explica, passa por criar um mecanismo, através de um centro de contato ou aplicação móvel, que identifique utentes com prescrições urgentes (e sobretudo no período noturno), permitindo a entrega de fármacos no local onde se encontram ou noutro aonde aquele se desloque. Nesta matéria, já está em marcha, desde Junho passado, um projeto-piloto no distrito de Bragança. «Este modelo mais flexível acompanha a atual mobilidade das pessoas e acabará com o regime obsoleto de turnos (atualmente em revisão) e com a obrigação de ter 800 farmácias abertas à noite. No fundo, torna o circuito do medicamento e a prestação de cuidados mais eficazes», sintetiza.

De resto, perspetiva Nuno Flora, o setor terá de abraçar a crescente evolução digital: «A farmácia será um espaço cada vez mais digital, na gestão de filas, na comunicação visual e com o cliente…».

RECORDAR JOÃO ALMIRO

O farmacêutico João Almiro, fundador do laboratório farmacêutico português Labesfal e figura destacada no nosso país pela sua ação social junto dos mais desfavorecidos, faleceu no dia 28 de setembro, em Tondela. Tinha 91 anos.
Natural de Canas de Santa Maria, no concelho de Tondela, João Almiro de Melo Meneses Castro formou-se em Farmácia, pela Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra, decorria o ano de 1950. No rés-do-chão da casa de família, fundou a Farmácia Almiro, hoje em Campo de Besteiros.
Estudioso por natureza, dedicou-se à investigação e preparação de medicamentos manipulados, produtos galénicos, especialidades farmacêuticas e de soluções eletrolíticas. Assim nasceu o laboratório farmacêutico Labesfal, que é hoje uma das maiores companhias farmacêuticas nacionais, com elevada projeção internacional.
Foi vereador na Câmara Municipal de Tondela e presidente da Junta de Freguesia de Campo de Besteiros, ao longo de vários mandatos, mas a sua participação cívica não se esgotou na vida política. Durante 25 anos, foi provedor da Santa Casa da Misericórdia do Vale de Besteiros, que ajudou a fundar.
Em 2005, nasceu a Fundação Dr. João Almiro, que se destina a apoiar pessoas carenciadas e em situações de risco. Nos últimos anos de vida, dedicou especial atenção aos crianças e jovens abandonados e delinquentes, que recebia no lar "Convívio Jovem" e na "Casa das Andorinhas", ajudando à sua recuperação e reintegração na sociedade.
No virar do século foi distinguido pelo Presidente da República, Jorge Sampaio, com o grau de Grande-Oficial da Ordem de Mérito e, em 2011, recebeu a Medalha de Honra da Ordem

dos Farmacêuticos, no decurso da cerimónia comemorativa do Dia do Farmacêutico.
"Era um ser humano excecional e raro. Mesmo os melhores têm dificuldade de se entregar aos outros como ele fez", recorda a bastonária da Ordem dos Farmacêuticos (OF). "Foi um farmacêutico que acrescentou valor, um empreendedor técnico-científico muito envolvido em todo o circuito do medicamento, mas também um cidadão que se entregou aos outros e nos deixa um património de amor. Nunca o esqueceremos", assegura a dirigente da OF.
"O país perdeu um homem único", disse também o presidente da Associação Nacional das Farmácias, Paulo Cleto Duarte, em reação à morte do farmacêutico, lembrando a inspiração para o desenvolvimento de programas e iniciativas de responsabilidade social da associação.
A Câmara Tondela decretou um dia de luto municipal pela sua morte e o seu presidente, João António Jesus, realçou a relevância deste farmacêutico para todo o concelho. "A Labesfal é o que é hoje devido à sua visão empreendedora e ao seu sentido apurado, enquanto farmacêutico, para a investigação e para o desenvolvimento desse projeto. Por outro lado, veio a notabilizar-se no domínio da intervenção social, no seu sentido humanitário, acolhendo aqueles que a sociedade desprotegia, dando-lhes conforto e carinho, tratando-os como de fossem seus filhos biológicos", sublinhou o autarca.
A OF manifesta o seu profundo pesar pela morte deste ilustre farmacêutico, exemplo de vida para tantos colegas e para os portugueses em geral, e expressa as mais sentidas condolências à família, amigos e todos os que tiveram a oportunidade de conviver e receber os sues ensinamentos e ajuda.

FARMACÊUTICOS RECUPERAM CARREIRA

Quase duas décadas depois, os farmacêuticos que trabalham no setor público vêm finalmente restituída uma carreira especial que reconhece a sua diferenciação profissional, que baliza as suas responsabilidades e que define as condições de acesso, progressão e qualificação.
Apesar da contínua abertura dos atuais responsáveis pela pasta da Saúde para concretizar uma antiga pretensão dos farmacêuticos portugueses, o processo negocial que levou à instituição formal da Carreira Farmacêutica teve sucessivos avanços e recuos. Ciente das suas atribuições estatutárias, a Ordem dos Farmacêuticos manteve o distanciamento em todas as matérias do foro sindical, mas nunca se inibiu de assumir uma posição firme sobre a importância e a urgência de um enquadramento legal para a atividade dos farmacêuticos que trabalham nos hospitais e laboratórios do Estado e, de uma forma geral, para todos os farmacêuticos com vínculo contratual à Administração Pública.
Face aos sucessivos atrasos na conclusão das negociações, o Sindicato Nacional do Farmacêuticos (SNF) chegou a enviar ao Governo um pré-aviso de greve, com o qual várias entidades e personalidades ligadas ao setor, como o bastonário da Ordem dos Médicos, se solidarizaram. Aquela que seria a primeira paralisação da história recente dos farmacêuticos portugueses acabou por ser cancelada alguns dias depois, sob o compromisso do Ministério da Saúde de aprovar o diploma ainda antes do verão, o que veio a acontecer a 20 de julho.
Em comunicado, o Executivo explicava o objetivo de "autonomizar e enquadrar a carreira de farmacêutico com vínculo de emprego público, na modalidade de contrato em funções públicas, e, por outro lado, garantir que os farmacêuticos das instituições de saúde no âmbito do Serviço Nacional de Saúde (SNS), contratados ao abrigo do Código do Trabalho, possam dispor de um percurso comum de progressão profissional e de diferenciação técnico-científica, o que possibilita também a mobilidade interinstitucional e uma harmonização de direitos e deveres".
Na conferência de imprensa que sucedeu a reunião semanal do Governo, o ministro da Saúde, Adalberto Campos Fernandes, adiantou que a aprovação do novo "regime profissional do farmacêutico hospitalar" se justifica pelo "perfil de competências técnico-científicas" destes profissionais, cujas "expetativas" foram sendo sucessivamente adiadas.
Os dois diplomas que instituem a Carreira Farmacêutica no SNS foram publicados em Diário da República a 31 de agosto.

OF REUNIU SINDICATO E ASSOCIAÇÕES SETORIAS PARA ANALISAR EMPREGABILIDADE NA FARMÁCIA COMUNITÁRIA

A Ordem dos Farmacêuticos promoveu uma reunião com o Sindicato Nacional dos Farmacêuticos, a Associação Nacional das Farmácias, a Associação das Farmácias de Portugal, a Associação Portuguesa de Jovens Farmacêuticos e a Associação Portuguesa de Estudantes de Farmácia para debater alguns aspetos relacionados com a empregabilidade e as condições laborais nas farmácias comunitárias.
A iniciativa visou a discussão de medidas e iniciativas de valorização profissional dos farmacêuticos comunitários.

PROTOCOLO CIMENTA RELAÇÕES ENTRE FARMACÊUTICOS DE COIMBRA E VALÊNCIA

A Secção Regional do Centro (SRC) da Ordem dos Farmacêuticos e o Colegio Oficial de Farmacéuticos de Valéncia assinaram um protocolo de colaboração para fomentar a cooperação em atividades de interesse comum, do tipo formativo, científico, cultural, assim como a divulgação de projetos e outras atividades desenvolvidas por ambas as organizações.
O acordo foi assinado durante uma visita oficial da presidente da SRC, Ana Cristina Rama, ao Colegio Oficial de Farmacéuticos de Valência, para conhecer o trabalho realizado por esta organização colegial espanhola e discussão de oportunidades comuns de intervenção. A dirigente da OF esteve reunida com seu homólogo valenciano, Jaime Giner Martínez, tendo também apresentado o panorama atual da profissão

farmacêutica no nosso País.
Fundado em 1441, por Real Privilégio da Rainha Dona Maria, o Colegio Oficial de Farmacéuticos de Valéncia representa atualmente cerca de 4.400 farmacêuticos, metade dos quais farmacêuticos comunitários.

SIMPÓSIO CIENTÍFICO DEDICADO AO VIH/SIDA

A Secção Regional do Sul e Regiões Autónomas da Ordem dos Farmacêuticos organizou, no dia 1 de julho, o Simpósio Científico "VIH/SIDA: inovação e acesso", na Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa. Com cerca de 250 participantes, o evento teve como principal objetivo promover um debate alargado sobre a infeção por VIH/sida, discutindo várias matérias relativas à sua evolução, abordagem terapêutica e estratégias multidisciplinares de combate à doença.
No decorrer do evento, foi evidente a evolução positiva da doença em vários indicadores, tanto na diminuição gradual do número de infetados, como no aumento da sensibilização e prevenção. Refletiu-se também sobre a responsabilidade dos farmacêuticos na redução do número de infeções, nomeadamente através da promoção da educação e literacia em saúde. Foi ainda apresentada a abordagem à problemática do VIH/sida a nível europeu e o objetivo da UNAIDS para 2020: a deteção de 90% das pessoas que vivem com VIH; o tratamento de 90% das pessoas diagnosticadas; e 90% das pessoas sob tratamento apresentarem carga viral indetetável. A profilaxia pré-exposição, as terapêuticas antirretrovirais e os meios de diagnóstico do futuro foram os principais temas em debate entre os participantes. Os intervenientes realçaram a necessidade de uma maior monitorização da infeção e tratamento e destacaram que a área da Imunologia pode apresentar um importante avanço, tal como acontece na Oncologia.
Assuntos de caráter mais prático, como a prevenção primária do VIH, e, muito especialmente, o projeto-piloto de dispensa da terapêutica antirretroviral nas farmácias comunitárias marcaram o ponto final deste evento.

CONSELHOS JURISDICIONAIS FAZEM BALANÇO DO MANDATO

Os Conselhos Jurisdicionais Regionais e Nacional da Ordem dos Farmacêuticos (OF) estiveram reunidos para efetuar um balanço da primeira metade do seu mandato e discutir melhorias de funcionamento dos órgãos disciplinares da OF.
A reunião juntou os membros dos Conselhos Jurisdicionais das Secções Regionais do Norte, Centro e Sul e Regiões Autónomas, do Conselho Jurisdicional Nacional e os consultores jurídicos da OF.

DELEGAÇÕES REGIONAIS DO CENTRO JUNTAS PELAS VÍTIMAS DE PEDRÓGÃO

Os representantes das delegações regionais do centro das Ordens dos Biólogos, Enfermeiros, Farmacêuticos, Médicos, Nutricionistas e Psicólogos, estiveram reunidos, no dia 30 de agosto, com o presidente da Câmara Municipal de Pedrógão Grande, Valdemar Alves, para avaliar as necessidades das populações afetadas pelo incêndio que devastou a região no passado mês de junho.
As Ordens disponibilizaram apoio em áreas como a gestão da medicação, acompanhamento psicológico ou no desenvolvimento de projetos de educação ambiental e de reflorestação.
O presidente do município sublinhou o mérito desta iniciativa das Ordens profissionais do setor da Saúde e agradeceu a sua disponibilidade. "Temos de nos preparar

para futuras tragédias, temos de planear a resposta a grandes catástrofes em territórios pequenos. O vosso projeto de união é muito importante", disse Valdemar Alves.
Estas Ordens profissionais pretendem levar a cabo uma iniciativa semelhante nos restantes concelhos afetados, nomeadamente em Figueiró dos Vinhos e Castanheira de Pera.

O DIA DE HOMENAGEM AOS FARMACÊUTICOS

A Ordem dos Farmacêuticos (OF) assinalou o Dia do Farmacêutico 2017 com várias iniciativas que se prolongaram além do dia 26 de setembro e um pouco por todo o País. Na sessão solene comemorativa, realizada no novo edifício da Secção Regional do Norte (SRN), farmacêuticos de todas as gerações juntaram-se num convívio, homenagem e agradecimento a todos aqueles que diariamente valorizam e dignificam a profissão.

"Os farmacêuticos são uma classe renovada, educada, humilde, colaborativa, inclusiva, corajosa e muito trabalhadora". As palavras são da bastonária da Ordem dos Farmacêuticos, Ana Paula Martins, e foram proferidas durante a sua intervenção na sessão solene comemorativa do Dia do Farmacêutico, que este ano decorreu na cidade do Porto, no novo edifício da Secção Regional do Norte (SRN).
Antes das homenagens aos farmacêuticos, houve lugar aos discursos oficiais do presidente da SRN, da bastonária da OF e do secretário de Estado da Saúde, Manuel Delgado, e à conferência do filósofo José Gil, intitulada "Poderes do Corpo".
O membro do Governo realçou as boas relações institucionais com OF, "parceiro ativo, exigente e responsável, que muito tem facilitado o nosso trabalho e o desenvolvimento de medidas inovadoras", disse Manuel Delgado. O secretário de Estado referiu-se ao papel das Ordens profissionais, enquanto entidades com poderes delegados pelo Estado para "garantir as melhores práticas, segurança e confiança nos grupos profissionais". "A OF tem cumprido de forma escrupulosa e rigorosa o caderno de encargos atribuído pelo Estado", revelou o governante, dando como exemplo a postura, "o sentido ético e responsabilidade", com que se relacionou com a tutela durante o processo de negociação da Carreira Farmacêutica com as estruturas sindicais.

MEDALHA DE HONRA PARA MANUEL PIMENTA
Na ocasião, o farmacêutico Manuel Pimenta recebeu a Medalha de Honra da OF, que reconheceu assim o seu "elevado mérito", "grande dedicação à profissão farmacêutica" e "contributo extraordinário para a valorização da atividade farmacêutica no seio da sociedade".
Manuel Amadeu Pinto de Araújo Pimenta, 89 anos, natural de Ponte de Lima, no distrito de Viana do Castelo, é um dos mais notáveis farmacêuticos portugueses e um cidadão com um sentido cívico notável. Proprietário de um dos mais conceituados laboratórios de análises clínicas do norte do País, é voz ativa, ouvida e respeitada entre as entidades locais.
Descendente de uma família com várias gerações de farmacêuticos, tradição a que os seus dois filhos deram continuidade, Manuel Pimenta sempre evidenciou um caráter humanista assinalável. O contacto com os doentes moldou-lhe o espírito e terá contribuído para as suas constantes preocupações com o bem comum. Foi por isso com naturalidade que desde cedo se envolveu também em ações de natureza social, no associativismo e na vida política.
Frequentou o Liceu Nacional de Viana do Castelo e seguiu para a Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto, onde concluiu a licenciatura em 1960. Aos 21 anos, assumiu a direção técnica da Farmácia Misericórdia, propriedade do seu pai, Amadeu Araújo Pimenta.
Entre 1966 e 1969 cumpriu serviço militar obrigatório. Após um primeiro período em que desempenhou funções no Hospital Militar de Évora, foi mobilizado

FARMACÊUTICOS QUE COMPLETAM 50 ANOS DE LICENCIATURA EM 2017

SECÇÃO REGIONAL DO CENTRO
Beatriz Olinda de Oliveira Santos Godinho Tomaz
João Manuel Poiares da Silva
Maria Gabriela da Rocha Gonçalves Ribeiro Alves
Maria Luísa Campeão Fernandes Vaz de Sá e Melo
Marília Albuquerque Santinho
Mário Alberto Prudêncio Ferreira Lopes

SECÇÃO REGIONAL DO NORTE
Maria Clemência Arede Gaspar de Lemos Mourão
Maria da Graça Estima Martins
Maria de Fátima Castro de Figueiredo Pinto Casal
Maria Ondina de Carvalho Meireles Rodrigues Teixeira

SECÇÃO REGIONAL DO SUL E REGIÕES AUTÓNOMAS
António Jorge Gerald de Queiroz da Fonseca
Berta do Nascimento Gonçalves Garcia
Elisabete Maria Gonçalves Azedo Gomes Barreto
Gisélia Cabrita Palmeira Pacheco da Cunha
Helena Caria Van Zeller Cabral de Brito Neto
Ilda Maria Reguinga da Costa Massena
João Carlos Lombo da Silva Cordeiro
João Graciano Correia Pinto
Jorge Leitão Alves dos Santos
Maria Alice da Encarnação Mendes Morais
Maria Amélia Tomé Pires Marques Oliveira Godinho
Maria Beatriz Ascenso Faria Godinho Damaso
Maria Cândida Pissarra Silva Coelho Rolo Duarte
Maria Cidália Antunes dos Santos Brás
Maria Cristina Augusto Carvalho Pargana
Maria de Lurdes Xavier Rosa Correia Delaunay Gomes
Maria Emília do Rosário Patrício Gomes Lois
Maria Fernanda Dias Gomes Coelho das Neves
Maria Ferreira Evangelista Monge Valente Garcias
Maria Guadalupe Santos Alves Mateus
Maria Isabel de Assunção Silva de Carvalho
Maria José Furtado Soares Moreira dos Prazeres
Maria Lucília Raimundo Gomes
Maria Luísa Blaize Dourado Figueiredo Freitas
Maria Madalena Gonçalves de Castro Corte-Real
Maria Manuela Marques Ferreira Travado
Maria Manuela Salvador Carlos Blaize Semblano
Maria Manuela Soares Gomes Beirão Nogueira Catarino
Maria Manuela de Oliveira Abreu Costa Gomes Teixeira

para a Guiné Bissau, onde desempenhou o cargo de diretor do Laboratório de Análises Clinicas do Hospital Militar e do Hospital Civil, ambos na cidade de Bissau.
No regresso à metrópole, ingressou no laboratório do Hospital da Misericórdia de Viana do Castelo, onde se manteve como diretor técnico durante nove anos.
Em 1978, fundou na sua terra natal o Laboratório de Análises Manuel Pimenta e, que foi alargando a atividade e serviços aos concelhos vizinhos de Ponte da Barca, Arcos de Valdevez, Paredes de Coura, Freixo, Correlhã e São Martinho da Gandra.
Pelas suas características, físicas e estruturais, mas também pela sua identificação com Ponte de Lima e os seus habitantes, pelo ambiente de familiar e o natural empenho dos colaboradores, e pelos elevados padrões de qualidade que o suportam, o laboratório de Manuel Pimenta é uma referência para toda a região do norte do País.
Militante do Partido Socialista, assumiu papel ativo na luta contra a ditadura e na construção da democracia, tendo sido deputado à Assembleia Constituinte, onde se manteve durante toda a legislatura. Participou ativamente na redação e aprovação da Constituição da República Portuguesa, a 2 de abril de 1976. Pelo facto, foi recentemente um dos homenageados, durante a comemoração dos 40 anos da aprovação da Constituição da República Portuguesa.
O seu caráter altruísta está também patente no trabalho que tem sido desenvolvido na fundação com o seu nome e que tem como missão intervir nas áreas da Saúde e Educação, principalmente no domínio da cooperação com os países de língua oficial portuguesa. Criada em 2009, a Fundação Manuel Pimenta ajudou a construir uma Maternidade do Cacheu, na primeira localidade onde os portugueses aportaram na Guiné e que, durante muitos anos, foi o grande entreposto comercial na costa ocidental de África. Este projeto estreitou as relações entre as "cidades-gémeas" de Viana do Castelo e de Cacheu, cobrindo um universo populacional de 6 mil pessoas. A ligação desta fundação à Guiné, faz-se também através de um protocolo assinado com a Universidade Lusófona, que integra a Universidade Lusófona da Guiné, para promover o crescimento e desenvolvimento do País em diversas áreas de intervenção.
Em 2013, após ter equipado totalmente o Laboratório de Análises Clínicas do Hospital Pediátrico de S. José de Bor, na Guiné-Bissau, empenhou-se pessoalmente na preparação e na escolha do quadro de pessoal. Contratou especialistas portugueses e promoveu gratuitamente a deslocação de funcionários guineenses a Portugal para ações de formação presencial e de atualização de conhecimentos técnicos. Ainda hoje, no seu laboratório de análises clínicas, em Ponte de Lima, recebe membros da equipa do laboratório do deste hospital pediátrico,, com propósitos formativos.

HOMENAGEM AOS 50 ANOS DE PROFISSÃO
Cumprindo a tradição, a OF homenageou durante a Sessão Solene comemorativa do Dia do Farmacêutico 2017 os colegas farmacêuticos que este ano completam 50 anos de licenciatura. Ao todo, este ano foram distinguidos cerca de 40 farmacêuticos, de várias regiões de País, muitos dos quais aproveitaram o evento organizado pela OF para se reverem e recordarem momentos e vivências.

UM PRÉMIO AOS MELHORES ALUNOS

Também os mais jovens foram distinguidos pela OF no Dia do Farmacêutico, com o Prémio Sociedade Farmacêutica Lusitana, atribuído aos alunos finalistas que obtiveram as classificações mais elevadas em cada uma das nove instituições de ensino que lecionam o Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticos. Este ano, o Prémio contou com o apoio da Associação Nacional das Farmácias, que atribuiu uma bolsa no valor de mil euros para a formação pós-graduada e desenvolvimento profissional, que pode ser aplicada em qualquer instituição de ensino ou entidades formadora

ESTUDANTES DISTINGUIDOS COM O PRÉMIO SOCIEDADE FARMACÊUTICA LUSITANA

Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra
Joana Maria da Silva Fiteiro
Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa
Sara Dias Figueiredo
Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto
Joana Raquel Machado Pedroso
Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz
Filipa Alexandra Jorge Antunes
Instituto Universitário de Ciências da Saúde – CESPU
Fernando Cláudio Pereira Ribeiro
Universidade do Algarve
Eva Cristiana Ferreira Fortunato
Universidade Lusófona
Nicole Maria da Silva Pereira
Universidade da Beira Interior
Sofia Pereira Mendes
Universidade Fernando Pessoa
Maria Inês de Azevedo Freitas Teixeira

"DIA ABERTO" PARA OS ESTUDANTES DO ENSINO SECUNDÁRIO
No âmbito do programa das comemorações do Dia do Farmacêutico 2017, a Secção Regional do Norte organizou pela primeira vez, no dia 18 de setembro, uma iniciativa denominada "Ciência Viva na Ordem", em que abriu as portas aos estudantes do ensino secundário para dar a conhecer a profissão farmacêutica, do ensino aos vários ramos de atividade.
Os cerca de 30 jovens da Escola Secundária Filipa Vilhena, no Porto, ficaram a conhecer as condições de acesso e estrutura curricular do Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas, em especial as áreas científicas abordadas no decorrer da formação académica, mas também as múltiplas saídas profissionais, o acesso à profissão e ao mercado de trabalho. Durante esta visita, foram realizadas algumas atividades práticas, demonstrações e experiências científicas interativas em áreas tão diversificas quanto a Tecnologia Farmacêutica, Toxicologia ou Farmacognosia.
A iniciativa contou com o apoio da Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto. Universidade Fernando Pessoa e CESPU.

ESTUDANTES DE CIÊNCIAS FARMACÊUTICAS COM PERSPETIVA SOCIAL, POLÍTICA E ECONÓMICA
No dia 21 de setembro, no Salão Nobre da OF, em Lisboa, a Secção Regional do Sul e Regiões Autónomas organizou uma sessão dedicada aos estudantes de Ciências Farmacêuticas, com o tema "O enquadramento da atividade farmacêutica no atual panorama social, político e económico". A iniciativa esteve integrada no programa das comemorações do Dia do Farmacêutico 2017, fornecendo uma visão abrangente sobre a organização do setor e a prática farmacêutica.
Na abertura do evento, a bastonária da OF saudou os futuros farmacêuticos e manifestou o desejo de os receber brevemente enquanto membros da instituição. Ana Paula Martins explicou as competências e atribuições da OF, enunciando também matérias em que a Ordem tem estado envolvida, no âmbito da regulamentação do setor e da atividade farmacêutica.
Durante a primeira parte do evento, os participantes ouviram a explicação do presidente do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos sobre a nova Carreira Farmacêutica no Serviço Nacional de Saúde (SNS) e exploraram as temáticas da distribuição de medicamentos e do acesso ao mercado.
O período da tarde esteve reservado para um *workshop* sobre liderança e para o debate sobre a integração do farmacêutico no SNS, para o qual foram convidados vários farmacêuticos com cargos de topo nas múltiplas áreas de intervenção da profissão.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE FARMACÊUTICOS
O novo edifício da SRN recebeu também a exposição de pintura "Farmacêuticos com Expressão Artística", em mais uma iniciativa integrada nas comemorações do Dia do Farmacêutico 2017. As obras expostas são da autoria dos farmacêuticos João Luís Machado dos Santos, Ana Paula Ferreira e Mariana Gaio

NOITE FARMACÊUTICA COM GRUPO DE TEATRO DA FFUL

A Noite Farmacêutica, organizada pela Secção Regional do Sul e Regiões Autónomas, por ocasião das comemorações do Dia do Farmacêutico 2017, juntou no Palácio de Xabregas, um dos mais emblemáticos espaços da cidade de Lisboa, mais de uma centena de farmacêuticos e acompanhantes para assistir à peça de teatro "E do nada, nada ficou", do grupo de teatro Tubo de Ensaios, da Faculdade de Farmácia da Universidade de Lisboa.

TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO NAS FARMÁCIAS COMUNITÁRIAS

A Secção Regional do Sul e Regiões Autónomas (SRSRA) da Ordem dos Farmacêuticos organizou no dia 18 de setembro, em Lisboa, a quarta edição do seu Ciclo de Conferências de 2017, na ocasião subordinada à temática "A importância do eHealth na Farmácia Comunitária".
Durante o evento, foi realçada a influência e vantagens da utilização das tecnologias de informação e comunicação (TIC) na área da saúde, promovendo também uma reflexão sobre as principais barreiras ao desenvolvimento e implementação de sistemas de informação em saúde.
A sessão teve início com a apresentação do relatório "eHealth Solutions and Pharmacy", por João Gregório, especialista em políticas de saúde e desenvolvimento do Instituto de Higiene e Medicina Tropical da Universidade Nova de Lisboa, à qual se seguiu um debate em que participaram o presidente dos Serviços Partilhados do Ministério da Saúde (SPMS), Henrique Martins, Sofia Couto Rocha, presidente da Comissão de Tecnologias de Informação em Saúde, no Health Parliament Portugal, e Lourenço Jardim de Oliveira, membro da mesma Comissão, e o líder da divisão de marketing multicanal da Pfizer Biofarmacêutica, Paulo Duarte.
Estes responsáveis reforçaram os cuidados e aspetos de segurança e proteção de dados associados às TIC em saúde e debateram quatro recomendações para uma estratégia de implementação da saúde eletrónica: o registo das boas práticas; a integração e colaboração interprofissional para benefício do doente; o envolvimento do utilizador final no desenho das TIC; e sensibilização dos decisores políticos para a implementação de novos serviços baseados nas TIC.

COLÉGIO DE ANÁLISES CLÍNICAS ESCLARECE CONTROLO LABORATORIAL DA VITAMINA D

O Conselho do Colégio de Especialidade de Análises Clínicas e Genética Humana da Ordem dos Farmacêuticos emitiu uma nota de esclarecimento sobre a monitorização do consumo de vitamina D na população portuguesa, reconhecendo a dificuldade analítica na medição deste parâmetro devida às características dos métodos disponíveis, do metabolito em análise e dos seus interferentes, assim como da indisponibilidade ou inadequação de padrões certificados.
A posição do Colégio de Especialidade vem confirmar que "as análises realizadas nos laboratórios de análises clínicas à 25-OH-Vitamina D em amostras biológicas (soro humano) são fiáveis se forem levadas em linha de conta as limitações que cada método apresenta e se respeitadas as indicações constantes das instruções dos dispositivos relativas à execução do ensaio". Os membros deste Conselho acrescentam que,"quando não existem métodos padronizados nem materiais de referência universais para avaliação de um analito (como é o caso da 25-OH-Vitamina D), os resultados só podem ser comparados entre si quando é utilizando o mesmo método e reagentes", adverte a nota elaborada pelos especialistas da Ordem.
Destaca-se ainda nesta posição sobre a recente polémica da monitorização do consumo de vitamina D, que "todos os resultados associados a um analito/biomarcador devem ser interpretados num contexto clínico, por forma, e caso se justifique clinicamente, a que se proceda a um ajuste da terapêutica".

FARMACÊUTICOS DE TODO O MUNDO REUNIDOS EM SEUL

A Federação Internacional Farmacêutica (FIP) organizou, entre 10 e 14 de setembro, em Seul, na Coreia do Sul, a 77.ª edição do seu Congresso Mundial, reunindo naquela capital mais de 2.500 farmacêuticos de 94 países.
A FIP defende um maior investimento na força de trabalho farmacêutica, como forma de garantir a cobertura universal de cuidados de saúde. "O setor farmacêutico pode gerar mais empregos qualificados, inclusivos e sustentáveis, que conduzam a uma melhor proteção social, que promovam a igualdade e o respeito pelos direitos humanos e o empoderamento económico de mulheres e jovens. Mas é necessário investimento na educação e investigação", disse a presidente da organização, Carmen Peña, na abertura do evento. "Podemos promover uma renovada força de trabalho de farmacêuticos, cientistas farmacêuticos e docentes experientes, competentes e especializados em número suficiente para prosseguir o nosso desenvolvimento profissional, através da expansão dos serviços farmacêuticos, dando às pessoas o que esperam e o que precisam". Para a FIP, os serviços farmacêuticos são uma parte intrínseca dos serviços de saúde e os novos serviços são a resposta às necessidades da sociedade em áreas como a saúde pública, farmácia clínica, pesquisa, educação e novas tecnologias.
A organização tem estado envolvida no desenvolvimento de sistemas de educação para farmacêuticos e na promoção da intervenção destes profissionais nas políticas de saúde globais. Como exemplo, a presidente da FIP recordou a recente decisão das Nações Unidas de incluir o número de farmacêuticos como indicador da densidade de profissionais de saúde nos diferentes países, quando anteriormente apenas eram contabilizados médicos, enfermeiros e parteiras.
De acordo com o relatório divulgado durante o Congresso, houve algum progresso no sentido de alcançar os 13 Objetivos da FIP para o Desenvolvimento da Força de Trabalho Farmacêutica (PWDG). Dos 21 países que partilharam informações sobre esta matéria, todos, independentemente do estatuto económico, relataram algum grau de alinhamento com os objetivos, que abrangem questões como a criação de quadros de treinamento baseados em competências e o desenvolvimento avançado e especializado. O documento agora divulgado visa apoiar a adoção dos PWDG, contendo recomendações de especialistas baseadas em evidência.
No decurso dos trabalhos do Congresso, a FIP apresentou uma nova edição do relatório "Pharmacy at a Glance", produzido a cada dois anos. O documento destaca que cerca de três quartos da população mundial tem acesso aos serviços farmacêuticos avançados disponibilizados em farmácias comunitárias. De acordo com os resultados dos inquéritos realizados em 79 países e territórios distintos, serviços como a revisão da medicação, programas de gestão da doença (diabetes, hipertensão ou asma) ou a medição de parâmetros (pressão arterial, glucose e índice de massa corporal) estão disponíveis na maioria dos países. No entanto, são ainda muito poucos os serviços cobertos pelos seguros e sistemas de saúde, o que significa que o seu custo é suportado, em grande parte, pelas farmácias, pelos doentes ou por ambos.
Este trabalho foi coordenado pelo farmacêutico português, Gonçalo Sousa Pinto, e "fornece evidências das múltiplas contribuições dos farmacêuticos para a eficiência e sustentabilidade dos sistemas de saúde e para a melhoria da saúde. É uma prova do comprometimento dos farmacêuticos, enquanto profissão de saúde vital e envolvida", explicou o autor. Além disso, "fornece uma visão da prática profissional, regulamentação e remuneração, bem como sobre a força de trabalho da farmácia e sobre a distribuídos de medicamentos em todo o mundo", acrescentou. Para este responsável, a evidência produzida neste trabalho vem capacitar as organizações-membros da FIP para defender melhores políticas de saúde e uma maior intervenção dos farmacêuticos nos sistemas de saúde.

Traduzimos a linguagem da vida **em medicamentos vitais**

Na Amgen, acreditamos que as respostas aos desafios colocados pelos medicamentos estão escritas na linguagem do nosso ADN. Como pioneiros em biotecnologia, utilizamos o nosso profundo conhecimento dessa linguagem para criar medicamentos vitais que vão ao encontro das necessidades dos doentes, no combate às doenças graves, melhorando de forma decisiva as suas vidas.

Para mais informações sobre a Amgen, visite www.amgen.pt ou contacte a Amgen Biofarmacêutica Lda., Edifício Dª Maria I (Q60), Piso 2 A, Quinta da Fonte – 2770-229 Paço d'Arcos, Portugal.

AMGEN®

Pioneering science delivers vital medicines™

©2016 Amgen Inc. All rights reserved.

O QUE O CONGRESSO NOS QUERERÁ DIZER

Ana Paula Martins

Que os medicamentos sejam para todos na medida e no momento em que deles necessitemos.
Que os medicamentos sejam para todos independentemente da condição socioeconómica de cada um de nós e do lugar onde residamos.
Que os medicamentos sejam para todos conforme indicação prestada da parte de cuidados de saúde totalmente disponíveis e ao serviço dos doentes, de todos nós.
Que os medicamentos sejam para todos na exata dose e de acordo com a posologia prescrita.
Que os medicamentos sejam para todos, tanto aqueles que ao longo dos anos deram provas de eficácia terapêutica como os que acabam de resultar da mais recente investigação e, caso sejam utilizados adequadamente, potenciem passos decisivos na luta contra a doença.
Que os medicamentos sejam para todos em condições de segurança e qualidade, quer no momento da sua produção, como no da sua distribuição e, especialmente, na sua utilização.
Que os medicamentos sejam para todos de acordo com as suas necessidades terapêuticas e benefícios esperados e que, por essa circunstância, atenda, a tempo e horas, um Estado responsável, um Estado que considere acima de tudo o bem-estar dos cidadãos.

CONTINUAR A DESENVOLVER A FARMÁCIA COMUNITÁRIA E OS SERVIÇOS FARMACÊUTICOS HOSPITALARES

E que não falte aos farmacêuticos a iniciativa e a criatividade para reinventar a farmácia, apostando no empreendedorismo, na inovação, na farmácia do futuro.
Que os farmacêuticos, também investidos na sua função social, estejam na primeira linha da defesa dos medicamentos para todos.
Que os farmacêuticos sejam o garante da qualidade e da segurança dos medicamentos, quer exerçam a sua profissão nas farmácias, nos hospitais, nas ARS, na indústria ou nas entidades reguladoras.
E que nas análises clínicas garantam uma rede nacional de proximidade que sustenta a decisão clínica e a monitorização dos resultados em saúde dos nossos doentes e cidadãos.
Que os farmacêuticos continuem a estar sempre ao lado dos doentes quando estes precisam de esclarecimento e conselho terapêutico o mais próximo possível das suas residências.
Que os farmacêuticos estejam disponíveis para assistir a todos os cidadãos também no apoio social e solidário de que necessitam.
Que os farmacêuticos contribuam para potenciar a adesão à terapêutica, detetem as interações e promovam a utilização racional do medicamento.
Que os farmacêuticos mantenham e promovam o diálogo com os médicos sempre que seja necessária mais atenção à situação dos doentes.
E que os farmacêuticos e as farmácias ganhem, em toda a plenitude, o estatuto de prestadores de cuidados de saúde inseridos no Serviço Nacional de Saúde.
Que os farmacêuticos continuem a abrir as portas das farmácias para receber os cidadãos que precisem de apoio em áreas da saúde e bem-estar, disponibilizando serviços que respondam a necessidades de proximidade e urgência.
Que os farmacêuticos e as farmácias se projetem como agentes de saúde de primeira linha em estabelecimentos acolhedores e cada vez mais preparados para resolver os problemas de todos os que os procuram, da forma mais ampla, cómoda e moderna.
Que a Farmácia Hospitalar continue a ser o garante da Segurança e da Efetividade, da Sustentabilidade das tecnologias de saúde em meio hospitalar.
Que seja capaz de se continuar a modernizar, num esforço continuado de excelência científica e profissional, numa orientação clínica no âmbito da otimização da terapêutica. Que a Farmácia Hospitalar continue a ser o espaço colaborativo com os clínicos e com os restantes profissionais de saúde.

Congresso Nacional dos Farmacêuticos'17
Medicamentos para todos

> QUE OS MEDICAMENTOS SEJAM PARA TODOS DE ACORDO COM AS SUAS NECESSIDADES TERAPÊUTICAS E BENEFÍCIOS ESPERADOS E QUE, POR ESSA CIRCUNSTÂNCIA, ATENDA, A TEMPO E HORAS, UM ESTADO RESPONSÁVEL, UM ESTADO QUE CONSIDERE ACIMA DE TUDO O BEM-ESTAR DOS CIDADÃOS PARA GARANTIR SAÚDE DENTRO DAS NOSSAS FRONTEIRAS É PRECISO GARANTI-LA LÁ FORA, E VICE-VERSA, PORQUE NA SAÚDE NÃO EXISTEM FRONTEIRAS TERRITORIAIS E QUE OS FARMACÊUTICOS E AS FARMÁCIAS GANHEM, EM TODA A PLENITUDE, O ESTATUTO DE PRESTADORES DE CUIDADOS DE SAÚDE INSERIDOS NO SERVIÇO NACIONAL DE SAÚDE

FARMÁCIA E MUNDO GLOBAL

Porque a Saúde é tema de um mundo global, os farmacêuticos portugueses têm de estar cada vez mais atentos aos sistemas de saúde mais próximos de nós, como os dos países que compõem a União Europeia ou a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa - CPLP.
Temos de estar com atenção redobrada face aos fluxos migratórios, ao movimento dos refugiados, a todas as situações que nos põem em contacto com as comunidades que convivem connosco ou passam a fazer parte da nossa sociedade, mesmo que temporariamente.
O que se passa nos países com que temos relações privilegiadas ou históricas diz-nos respeito e devemos contribuir para encontrar lá as melhores vias terapêuticas para ganhos em saúde. Para garantir saúde dentro das nossas fronteiras é preciso garanti-la lá fora, e vice-versa, porque na saúde não existem fronteiras territoriais.
Tudo isto – e mais ainda – dirá o nosso Congresso 2017. Tudo isto é importante que fique dito, reforçando o que existe, desbravando caminhos, antecipando o futuro, sem perder de vista a responsabilidade ética que cabe a cada um de nós e nos coloca ao serviço de todos.

CADA DOENTE TEM NECESSIDADES DIFERENTES

A **BIOGEN** ACREDITA NUMA SOLUÇÃO DIFERENTE PARA CADA DOENTE

DESENVOLVEMOS TERAPÊUTICAS QUE VÃO AO ENCONTRO DAS NECESSIDADES DE EFICÁCIA, SEGURANÇA E COMODIDADE DE CADA DOENTE

Biogen

© Biogen 2017

BIOGEN Portugal, Sociedade Farmacêutica Unipessoal, Lda.
Avenida Duque de Ávila, 141 - 7.º - 1050-081 Lisboa
Tel.: +(351) 21 318 84 50 Fax: +(351) 21 318 84 51
www.biogen.pt

BIIB-POR-0575

EMPREENDEDORISMO FARMACÊUTICO: FAZER MELHOR

Joaquim Cunha, Diretor Executivo, Health Cluster Portugal

Em resposta ao desafio que nesse sentido, em boa hora, lhe foi lançado, o Health Cluster Portugal não hesitou em dar o seu apoio ao desenho do Simpósio que, no âmbito do Congresso Nacional dos Farmacêuticos 2017, a Ordem dos Farmacêuticos decidiu levar a cabo. Tratou-se de um apoio modesto e marginal uma vez que o Presidente do Congresso e a Ordem sabiam bem o que queriam e o que queriam, no meu entendimento, estava muito bem ajustado ao que o tempo, o contexto e a realidade nacional e internacional pedem.

E o que pedem é, porventura, um dos grandes desafios das sociedades modernas: a valorização do conhecimento, enquanto mecanismo de geração de riqueza e de bem-estar das populações. Ou seja, inovação.

A inovação em saúde será hoje consensualmente assumida como um dos pilares estruturantes do modo como escolhemos viver e de como temos vindo a construir a nossa vivência coletiva. Um caso inquestionável de sucesso da humanidade, como o demonstra a evolução nos últimos cem anos, verdadeiramente espantosa e sem precedentes, da globalidade dos indicadores de saúde e de qualidade de vida.

ECOSSISTEMA DE INOVAÇÃO

Mas queremos mais e queremos melhor o que depende, fomos aprendendo, da boa e adequada articulação de muitas condicionantes, de outras tantas vontades e dos necessários recursos, conjunto a que, quando organizado e estrategicamente orientado, designamos por ecossistema de inovação. E, assim, com o foco no papel do empreendedorismo farmacêutico, é o ecossistema de inovação em Saúde que vai estar em análise e reflexão no painel I do Simpósio. A realidade portuguesa e as experiências de outros países. Os seus pontos fortes e os seus pontos fracos. Onde e como introduzir alterações e melhorias. No circuito da inovação em saúde, aprendemos também, o último troço, o que leva a ideia, o conceito, o produto ou o serviço ao mercado, é o mais difícil e onde mais vezes falhámos. Vale a pena, por isso, revisitar algumas das suas principais dimensões, designadamente os modelos de negócio, o financiamento, as provas de conceito e o quadro regulamentar, o que terá lugar no painel II. Desgraçadamente, ou talvez não, as especificidades da saúde trazem, por regra, desafios acrescidos face a outros setores.

REFERÊNCIAS

O testemunho, na primeira pessoa, da experiência de empreendedorismo em saúde e em particular na área farmacêutica, dará corpo ao III e último painel do Simpósio. A partilha de sucessos e de não sucessos, e os caminhos percorridos para lá chegar, pelas pedras ou fora delas, constitui uma inestimável fonte de aprendizagem.

A Saúde, em Portugal, vai sendo cada vez mais um setor de referência, pela qualidade dos cuidados que são prestados aos cidadãos e pelo assinalável desempenho que tem sido conseguido ao nível da ciência que se faz nas nossas universidades e nos nossos institutos de investigação. São domínios onde nos comparamos bem internacionalmente.

Contudo, na valorização deste conhecimento científico, tecnológico e clínico ainda não somos tão bem sucedidos, apesar dos bons exemplos de empresas que têm sido capazes de vencer os desafios da internacionalização colocando em 2016 o volume de exportações em Saúde no seu máximo histórico de 1411 milhões de euros.

Ganha assim grande oportunidade a realização deste Simpósio antevendo-se, tendo em conta a qualidade e a experiência dos oradores presentes, que as suas conclusões sejam uma boa contribuição para a definição de um roadmap para a inovação farmacêutico no nosso país.

> // NA VALORIZAÇÃO [DO] CONHECIMENTO CIENTÍFICO, TECNOLÓGICO E CLÍNICO AINDA NÃO SOMOS TÃO BEM SUCEDIDOS, APESAR DOS BONS EXEMPLOS DE EMPRESAS QUE TÊM SIDO CAPAZES DE VENCER OS DESAFIOS DA INTERNACIONALIZAÇÃO COLOCANDO EM 2016 O VOLUME DE EXPORTAÇÕES EM SAÚDE NO SEU MÁXIMO HISTÓRICO DE 1411M€

EXPOFARMA
UMA LUZ ESPECIAL SOBRE O CNF'17

Cumpre-se a tradição: a EXPOFARMA vai fazer desfilar uma vez mais, de 12 a 14 deste outubro, correndo em paralelo com o Congresso Nacional dos Farmacêuticos 2017, um significativo número de empresas que decidem estar mais próximas das farmácias e dos farmacêuticos portugueses. Trazem novidades, campanhas exclusivas e aproveitam para ouvir os clientes.

As empresas participantes não poupam esforços na tentativa de surpreender os visitantes, e passam do stand a outras formas de contacto como a realização de workshops. Estes momentos de experimentação constituem oportunidades para organizar convívios diferenciados com os farmacêuticos, e estes respondem procurando novos conhecimentos em áreas relacionadas com produtos, e noutras mais viradas para a gestão, ou comportamentais, envolvendo discussões de temas relevantes para as farmácias.

De ano para ano, sente-se novidade e inovação nas ações que as marcas, as empresas, projetam para o tempo da EXPOFARMA. Os espaços reservados para os produtos e para as imagens institucionais são explorados numa estratégia de criar e reforçar impactos junto dos farmacêuticos que ali se reúnem durante os tempos mais descontraídos do Congresso. As empresas participantes divulgam mensagens e vantagens que as ajudem a reforçar o seu posicionamento no mercado e a promover as suas ofertas.

PARCEIROS, ATIVIDADES, AMBIENTES

A edição de 2017 da Expofarma reúne vários profissionais do setor farmacêutico, indústria e outros parceiros. Durante os três dias, os stakeholders estarão reunidos para debater os desafios da sua atividade nas mais variadas vertentes, pretendendo-se que o façam em ambiente de troca de conhecimentos e experiências.

O setor farmacêutico, devido às pressões do mercado, à emergência de tecnologias associadas à saúde, à capacitação do doente e melhorias nos níveis de literacia dos cidadãos, tem feito um caminho de inovação e de dinamismo, percurso esse que tem de ser convertido num processo de mudança e melhoria contínua, o qual tem por base o conceito de "patient centricity". Neste sentido, a abordagem multi stakeholder é essencial para a sustentabilidade do setor e é precisamente esta a ideia central da EXPOFARMA.

O Lounge Inovação, powered by hmR, consti-

NA EDIÇÃO DE 2017 A NOVIDADE VAI PARA O LOUNGE INOVAÇÃO, POWERED BY HMR, UM ESPAÇO QUE PERMITIRÁ AOS VISITANTES O CONTACTO COM AS NOVIDADES E TENDÊNCIAS MAIS RELEVANTES COM UM FOCO PARTICULAR EM INOVAÇÃO

tui a novidade deste ano. Grandes e pequenas empresas marcam presença para apresentar tendências e experiências. Através de um modelo de pitch, startups e grandes marcas mostram como inovam e como interpretam as exigências dos novos consumidores. As tecnologias de informação ao serviço da saúde, a partilha de conhecimento e os modelos colaborativos exigem, por seu lado, uma renovada abordagem da inovação, em que pontuam as boas práticas.
Estão planeados momentos diários dedicados ao Networking profissional, bem como uma componente formativa e de atualização de conhecimentos através de Workshops e palestras ministradas por oradores de renome, especialistas nas mais diversas áreas e sobre os temas mais relevantes do momento, como o conceito de Real World Evidence.
Mas acompanhando os trabalhos do Congresso Nacional dos Farmacêuticos, a EXPOFARMA não estará alheia aos temas da reunião magna, como o acesso ao medicamento no séc. XXI, a inovação farmacêutica e em saúde, o medicamento na era digital ou o empreendedorismo.

PONTOS FORTES:

A EXPOFARMA, em estreita colaboração com a Ordem dos Farmacêuticos que organiza o Congresso, terá um leque mais alargado de empresas participantes.
Com um simpósio pré-Congresso a dar especial atenção ao empreendedorismo, às empresas que estão a trazer avanços e novidades à Saúde, a EXPOFARMA não podia deixar de promover novos negócios, dando atenção especial a startups.
A EXPOFARMA repete este ano o espaço de networking informal que fora experimentado em 2016. Voltamos assim a criar um ambiente descontraído entre visitantes e expositores para os três dias de evento. Vamos ter mais três momentos de networking, com degustações de vinho e queijo e o espírito de um sunset descontraído.

Para fechar da melhor forma este evento, realiza-se no sábado, 14 de outubro, a acompanhar o jantar de encerramento do Congresso, a 3ª Gala Solidária a bem da Associação Dignitude. Trata-se de um jantar solidário para ajudar os portugueses que não têm condições económicas para comprar os seus medicamentos.

ellaOne®

a pílula do dia seguinte de última geração[1,2]

Quase **três vezes mais eficaz**
que o levonorgestrel nas primeiras 24h[3]

Saiba mais em:
www.ellaonefarmaceutico.pt

NOW INCLUDED IN THE WHO LIST OF ESSENTIAL MEDICINES

Incluído
na Lista de Medicamentos Essenciais
da Organização Mundial de Saúde
como Contracetivo de Emergência[4]

HRA Pharma
WOMEN'S HEALTH

Promovido por:
OMEGA PHARMA

NOME DO MEDICAMENTO ellaOne 30 mg comprimido **COMPOSIÇÃO QUALITATIVA E QUANTITATIVA** Cada comprimido contém 30 mg de acetato de ulipristal. Excipientes com efeito conhecido: Cada comprimido contém 237 mg de lactose mono-hidratada. **FORMA FARMACÊUTICA** Comprimido Comprimido branco ou creme marmoreado, redondo, convexo, gravado com o código "ella" em ambas as faces. **INFORMAÇÕES CLÍNICAS Indicações terapêuticas** Contraceção de emergência até 120 horas (5 dias) após uma relação sexual não protegida ou em caso de falha do método contracetivo. **Posologia e modo de administração** Posologia O tratamento consiste na administração oral de um comprimido, logo que possível, o mais tardar até às 120 horas (5 dias) após a relação sexual não protegida ou a falha do contracetivo. O ellaOne pode ser tomado em qualquer fase do ciclo menstrual. Caso ocorra o vómito até 3 horas após a ingestão de ellaOne, deverá tomar-se outro comprimido. Antes da administração de ellaOne deverá excluir-se a possibilidade de gravidez. *População especial: Compromisso renal* Não é necessário ajuste de dose. *Afeção hepática:* Na ausência de estudos específicos, não é possível estabelecer recomendações quanto à dose de ellaOne. *Afeção hepática grave:* Na ausência de estudos específicos, não é recomendado o ellaOne. *Crianças e adolescentes:* Não existe utilização relevante de ellaOne em crianças em idade pré-púbere na indicação de contraceção de emergência. Adolescentes: o ellaOne é adequado para qualquer mulher com potencial para engravidar, incluindo adolescentes. Não foram demonstradas diferenças na segurança nem na eficácia em comparação com mulheres adultas com 18 anos ou mais. Modo de administração Uso oral. O comprimido pode ser tomado com ou sem alimentos. **Contraindicações** Hipersensibilidade à substância ativa ou a qualquer um dos excipientes. **Advertências e precauções especiais de utilização:** O ellaOne é apenas para uso ocasional. Em nenhum caso deve substituir um método contracetivo regular. Não se destina a uso durante a gravidez e não deve ser administrado por qualquer mulher que suspeite de gravidez ou que esteja grávida. O ellaOne não interrompe uma gravidez existente. O ellaOne não evita a gravidez em todos os casos. **Efeitos indesejáveis** As reações adversas mais frequentes notificadas foram cefaleias, náuseas, dores abdominais e dismenorreia. A segurança do acetato de ulipristal foi avaliada em 4.718 mulheres durante o programa de desenvolvimento clínico. As reações adversas notificadas num estudo de fase III, no qual participaram 2.637 mulheres, são apresentadas em baixo de acordo com o sistema de classe de órgãos e por ordem decrescente de frequência: muito frequentes (≥1/10), frequentes (≥ 1/100 a <1/10), pouco frequentes (≥ 1/1.000 a <1/100) e raros (≥1/10.000 a <1/1.000). **Infeções e infestações** Pouco frequentes Gripe **Doenças do metabolismo e da nutrição** Pouco frequentes Perturbações do apetite **Perturbações do foro psiquiátrico** Frequentes Perturbações do humor Pouco frequentes Perturbação emocional, Ansiedade, Insónia, Perturbação de hiperatividade, Perturbações da libido Raros Desorientação **Doenças do sistema nervoso** Frequentes Dor de cabeça, Tonturas Pouco frequentes Sonolência, Enxaqueca Raros Tremores, Perturbações da atenção, Disgeusia, Síncope **Afeções oculares** Pouco frequentes Perturbações visuais Raros Sensação estranha no olho, Hiperemia ocular, Fotofobia **Afeções do ouvido e do labirinto** Raros Vertigens **Doenças respiratórias, torácicas e do mediastino** Raros Garganta seca **Doenças gastrointestinais** Frequentes Náuseas*, Dor abdominal*, Desconforto abdominal, Vómitos* Pouco frequentes Diarreia, Boca seca, Dispepsia, Flatulência **Afeções dos tecidos cutâneos e subcutâneos** Pouco frequentes Acne, Lesões da pele, Prurido Raros Urticária **Afeções musculosqueléticas e dos tecidos conjuntivos** Frequentes Mialgia, Lombalgia **Doenças dos órgãos genitais e da mama** Frequentes Dismenorreia, Dor pélvica, Sensibilidade mamária Pouco frequentes Menorragia, Corrimento vaginal, Perturbação menstrual, Metrorragia, Vaginite, Afrontamentos, Síndrome pré-menstrual Raros Prurido genital, Dispareunia, Rutura de quisto ovárico, Dores vulvovaginais, Hipomenorreia* **Perturbações gerais** Frequentes Fadiga Pouco frequentes Arrepios Mal-estar geral, Pirexia Raros Sede *Sintoma que pode estar relacionado com gravidez (e, portanto, com uma possível gravidez ectópica) e que poderia atrasar o diagnóstico de gravidez se mal diagnosticado em relação ao uso do medicamento. Adolescentes: o perfil de segurança observado em mulheres com menos de 18 anos de idade em estudos e após a introdução no mercado é semelhante ao perfil de segurança em adultos durante o programa de fase III. Experiência após introdução no mercado: as reações adversas espontaneamente notificadas na experiência após a introdução no mercado foram semelhantes em natureza ao perfil de segurança descrito durante o programa de fase III. Descrição de reações adversas selecionadas A maioria das mulheres (74,6 %) nos estudos de fase III menstruaram na data esperada ou dentro de ± 7 dias, enquanto 6,8 % menstruaram mais de 7 dias mais cedo que o esperado e 18,5% apresentaram um atraso de mais de 7 dias em relação à data prevista da menstruação. O atraso foi superior a 20 dias em 4 % das mulheres Uma minoria (8,7 %) das mulheres notificou hemorragias intermenstruais com uma duração média de 2,4 dias. Na maioria dos casos (88,2 %), esta hemorragia foi notificada como pequenas perdas de sangue. Entre as mulheres que receberam ellaOne nos estudos de fase III, apenas 0,4 % notificaram hemorragias intermenstruais abundantes. No estudo de fase III, 82 mulheres participaram no estudo mais do que uma vez tendo, desta forma, recebido mais do que uma dose de ellaOne (73 participaram duas vezes e 9 participaram três vezes). Nestas mulheres, não existiram diferenças em termos de segurança no que respeita à incidência e gravidade dos acontecimentos adversos, da alteração da duração ou volume da menstruação ou da incidência de hemorragias intermenstruais. Medicamento Não Sujeito a Receita Médica de Dispensa Exclusiva em Farmácia. Medicamento não comparticipado. Para mais informações contactar o titular de AIM. Titular de AIM: Laboratoire HRA Pharma, 15 rue Béranger, 75003 Paris, França, NIF: FR 67 420 792 582; Representante local: HRA Pharma Iberia, S.L., Sucursal em Portugal; Av. da Liberdade, 110, 1º, 1269-046 Lisboa; Portugal. Data da revisão do texto: dezembro 2016.

1. Resumo das caraterísticas do medicamento ellaOne; 2. Gemzell-Danielsson and Meng, Int. J. Women's Health 2010:2 53–61; 3. Glasier AF, et al. The Lancet. 2010;375:555-62. Updated October 24, 2014; 4. executive summary EML 2017 OMS.

ELA-ADV-0717-PT-145

Rui Santos Ivo

"O INFARMED TEM SIDO UM PARCEIRO ATIVO E FORTE NO SISTEMA EUROPEU DO MEDICAMENTO"

Presidente da Administração Central do Sistema de Saúde em 2014, Rui Ivo passou por entidades internacionais, como a Agência Europeia de Medicamentos (EMA), em Londres, entre 2000 e 2005. Foi ainda primeiro chairman do Grupo de Coordenação das Autoridades do Medicamento da União Europeia (2004 -2005) e administrador na Unidade de Produtos Farmacêuticos/Direção-Geral de Empresas e Indústria, na Comissão Europeia (2006-2008). Em Portugal, foi diretor executivo da Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica (APIFARMA), de 2008 a 2011. Licenciado em Ciências Farmacêuticas pela Universidade de Lisboa (1987), iniciou a sua carreira profissional como farmacêutico hospitalar no Hospital Egas Moniz, atual Centro Hospitalar de Lisboa Ocidental. Em 1993, ingressou no Infarmed, onde exerceu os cargos de vogal/vice-presidente (1994-2000) e presidente (2002-2005). Desde janeiro de 2016 é vice-presidente do Conselho Diretivo deste organismo.

Ricardo Nabais, jornalista convidado.

ROF – Tem já um percurso de vida na administração pública (foi presidente do Infarmed e da ACSS, é agora vice-presidente do primeiro). Que visão tem do sistema de saúde nacional, passada a sua constituição, consolidação, e a crise?

Rui Santos Ivo (RSI) – O nosso sistema de saúde e em particular o Serviço Nacional de Saúde (SNS) é um marco de civilização que nos deve orgulhar e que nos coloca a par das sociedades mais inclusivas e solidárias do mundo. Classificado em 2017 como o 12.º melhor sistema em todo o mundo, 9.º na Europa, segundo a Organização Mundial de Saúde, a sua consolidação ao longo de mais de 35 anos tem contribuído indelevelmente para a evolução positiva dos indicadores de saúde do nosso país. É um sistema que conta com instituições e unidades de saúde de excelência na prestação de cuidados de saúde e com profissionais dedicados e de alto nível de competência, como os médicos, enfermeiros e farmacêuticos, e todos os outros, que estão seguramente na base dos resultados em saúde que têm sido alcançados ao longo de décadas. Tais caraterísticas foram - são - fundamentais e demonstraram a resiliência necessária face a momentos mais difíceis, como no passado recente, mas que nunca deixou de responder às suas obrigações e em constante superação. Porém, é nesta resiliência à adversidade e às constantes necessidades de adaptação, impostas pelos desafios com o qual é confrontado, que o SNS revela a sua maturidade. Neste constante processo de evolução, os farmacêuticos e as farmácias são uma peça essencial e uma mais-valia, contribuindo com a sua capacidade de intervenção para a melhoria do sistema. Tendo em conta o programa do Governo e as medidas já tomadas, estou certo de que o potencial dos farmacêuticos será ainda mais bem aproveitado e desenvolvido no serviço ao cidadão.

ROF – Há particularidades no sistema português de regulação das farmácias e do medicamento, além das normas internacionais que necessariamente seguimos?

RSI – O sistema português de regulação do medicamento e dispositivos médicos decorre sobretudo da legislação e das normas comunitárias elaboradas pelos diversos peritos de Estados-Membros junto da Comissão Europeia e da Agência Europeia do Medicamento (EMA), nos quais Portugal participa por intermédio do Infarmed, apresentando os seus contributos e a posição nacional quanto às diferentes matérias. O objetivo principal é assegurar um elevado nível de proteção da Saúde Pública a todos os níveis e em todo o sistema europeu. Em constante evolução desde os anos 60 do século passado, tem conseguido posicionar-se e demonstrar essa capacidade a nível europeu e internacional. Mas claro, o quadro comunitário prevê o respeito pelas características e especificidades próprias de cada Estado-Membro, nomeadamente em matérias mais específicas da organização e prestação de cuidados de saúde, onde se insere o financiamento e o acesso ao medicamento.

ROF – E como classifica o papel do Infarmed nesse contexto?

RSI – Evidentemente que, neste âmbito, a regulação da atividade da farmácia, desde o seu funcionamento aos serviços que presta, constitui área importante da função do Infarmed. Temos prosseguido várias ações e iniciativas que posicionam a farmácia na primeira linha da modernização do acesso ao medicamento e da prestação de serviços de índole farmacêutica na melhor utilização do medicamento. Apraz-me muito registar a posição modelar que a farmácia portuguesa tem a nível europeu, pela qualidade dos serviços que presta, sendo de realçar a forma como foi generalizada a prescrição e dispensa eletrónica desmaterializada no nosso País, onde nos assumimos claramente com o benchmark na área de e-health. Mas também quero referir o envolvimento da farmácia e dos farmacêuticos em projetos de melhoria do acesso ao medicamento, nomeadamente no âmbito da gestão de falhas e ruturas através da denominada Via Verde do Medicamento. Visando dar mais transparência e aproximar a informação sobre as farmácias do cidadão utente, o Infarmed lançou este ano o Portal Licenciamento + onde iremos divulgar informação sobre a farmácia, desde o diretor técnico, horários e serviços que presta.

"O NOSSO SISTEMA DE SAÚDE, E EM PARTICULAR O SNS, É UM MARCO DE CIVILIZAÇÃO QUE NOS DEVE ORGULHAR E NOS COLOCA A PAR DAS SOCIEDADES MAIS INCLUSIVAS E SOLIDÁRIAS DO MUNDO

ROF – Tem-se debatido também a valorização dos farmacêuticos. Agora que foi constituída a carreira da classe profissional. Como vê este processo?

RSI – Como referi, o serviço prestado pelos farmacêuticos nas farmácias comunitárias é exemplo na União Europeia e o reforço da sua intervenção também a nível hospitalar é a outra face do farmacêutico no sistema de saúde. A existência de carreiras é um instrumento essencial para criar melhores condições para o exercido da atividade profissional, promovendo motivação e desenvolvimento. A recente aprovação da carreira farmacêutica foi um passo enorme nesse sentido, ao definir o quadro de atuação dos farmacêuticos que exercem funções no SNS e no Ministério da Saúde. Tratou-se de um processo longo que agora se concluiu, o qual tive o privilégio de iniciar no período em que exerci funções na Administração Central do Sistema de Saúde. Foi um processo complexo, já com várias tentativas no passado, que foi encontrando algumas vicissitudes no caminho, mas cujo resultado me deixa muito satisfeito por se ter finalmente concretizado. E mais, a carreira agora criada abrange todos os farmacêuticos, desde a farmácia hospitalar às análises clínicas, passando pela área reguladora.

> OS FARMACÊUTICOS E AS FARMÁCIAS SÃO UMA PEÇA ESSENCIAL E UMA MAIS-VALIA, CONTRIBUINDO COM A SUA CAPACIDADE DE INTERVENÇÃO PARA A MELHORIA DO SISTEMA. (...) ESTOU CERTO DE QUE O POTENCIAL DOS FARMACÊUTICOS SERÁ AINDA MAIS BEM APROVEITADO E DESENVOLVIDO NO SERVIÇO AO CIDADÃO

ROF – Recentemente, reportaram-se dificuldades nas inspeções a Farmácias Hospitalares. A que se deveram? Como serão resolvidas?

RSI – As principais dificuldades detetadas nas inspeções aos Serviços Farmacêuticos Hospitalares foram essencialmente no âmbito dos recursos humanos e das instalações e respetivos equipamentos, a que associaram questões relativas à preparação e controlo de qualidade. Apesar das situações detetadas, apraz-me registar que existe um forte comprometimento dos farmacêuticos e das instituições na sua resolução, estando a maior parte das situações ultrapassadas ou em fase de resolução. O objetivo destas inspeções, e de toda as outras realizadas pelo Infarmed é contribuir para melhorar o sistema de saúde, com o apoio das unidades e das equipas de profissionais, e ajudar a prevenir eventuais deficiências de forma proativa. Neste aspeto devo também realçar a colaboração técnica permanente do Infarmed com a Ordem dos Farmacêuticos que, no seguimento destas inspeções, organizaram o seu 1º Workshop conjunto, em junho de 2017, sobre preparação de medicamentos em ambiente hospitalar. Cientes da responsabilidade que cabe à

> A REGULAÇÃO DA ATIVIDADE DA FARMÁCIA, DESDE O SEU FUNCIONAMENTO AOS SERVIÇOS QUE PRESTA, CONSTITUI ÁREA IMPORTANTE DA FUNÇÃO DO INFARMED. (...) VÁRIAS AÇÕES E INICIATIVAS POSICIONAM A FARMÁCIA NA PRIMEIRA LINHA DA MODERNIZAÇÃO DO ACESSO AO MEDICAMENTO E DA PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DE ÍNDOLE FARMACÊUTICA NA MELHOR UTILIZAÇÃO DO MEDICAMENTO

Ordem dos Farmacêuticos, cremos que esta colaboração irá contribuir decisivamente para a melhoria contínua dos Serviços Farmacêuticos Hospitalares e proteção da saúde pública, pretendendo através deste trabalho conjunto desenvolver instrumentos de índole técnica que apoiem toda a atividade da Farmácia Hospitalar.

ROF – Que vantagens terá a criação do grupo de trabalho entre a Ordem dos Farmacêuticos e o Infarmed? Que iniciativas podem tomar em conjunto?
RSI – Considerando as funções quer da Ordem dos Farmacêuticos, a nível da regulação profissional, quer do Infarmed enquanto autoridade pública de regulação da atividade farmacêutica, as sinergias criadas pelo trabalho conjunto serão mais-valias para a melhor acessibilidade dos cidadãos a medicamentos seguros, eficazes e de qualidade. Como referi, este trabalho conjunto, e a discussão dos temas considerados relevantes ao sector, pretendem ver clarificadas as posições do Infarmed sobre a expectável intervenção dos serviços farmacêuticos e os documentos orientadores de referência. Podem ainda ser criadas as bases para uma efetiva partilha conhecimento que resultem na identificação das áreas mais críticas e que devem ser alvo de um maior investimento. O workshop mencionado anteriormente é um bom exemplo desse trabalho conjunto, tendo resultado de uma identificação conjunta de necessidades de atualização do conhecimento aplicável à farmácia hospitalar.

ROF – Como vê a candidatura à sede da EMA? Tendo em conta que o Infarmed é considerado uma das melhores agências europeias do setor, isso pode ser decisivo no processo de candidatura?
RSI – A candidatura de Portugal a acolher a EMA no pós-Brexit é uma decisão que consideramos natural para um País como o nosso, que, desde que ingressou na União Europeia, tem trabalhado de forma muito positiva na defesa dos ideais europeus.
Nesse contexto, desde o seu início que o Infarmed tem sido um parceiro ativo e forte no Sistema Europeu do Medicamento cujo quadro atual também encontra referências às discussões decisivas que ocorreram em Lisboa durante a primeira presidência da UE em 1992 e que levaram à aprovação da legislação no ano seguinte.
O prestígio do Infarmed e a sua participação ativa na construção e nos processos de avaliação científica da EMA, com os seus 350 colaboradores e mais de 300 peritos de excelência, colocam Portugal como um país que se destaca para acolher a agência, garantindo assim as condições de estabilidade para o funcionamento de todo o sistema.
Além dos aspetos técnicos exigidos à agência local, os exigentes critérios estabelecidos para esta relocalização englobam também aspetos sociais, económicos e culturais que são bastante relevantes e têm um grande impacto na decisão final.
Globalmente, e reunindo excelentes condições em todas as vertentes, Portugal, por mérito da cidade do Porto, apresentou uma candidatura bastante competitiva e mobilizadora que a colocam em lugares cimeiros entre as outras 18 cidades candidatas.

ROF – Tem sido debatida a possibilidade de integrar serviços clínicos e não-clínicos nas farmácias. Entretanto, alguns desses serviços já são oferecidos/vendidos. O Infarmed é favorável à introdução desta oferta nas farmácias?
RSI – Como já disse, o nível de intervenção da farmácia comunitária portuguesa é muito elevado na qualidade de serviços que presta junto da população, nomeadamente na dispensa de medicamentos e em todas as áreas relativas ao acompanhamento e monitorização da utilização do medicamento e outros produtos de saúde, promovendo o aconselhamento e adesão terapêutica. Encontra-se em curso, já em fase final, a aprovação de legislação que visa rever as áreas de prestação dos serviços farmacêuticos e de promoção da saúde. Na definição daqueles serviços é seguido um modelo que potencia a rede de farmácias no âmbito dos cuidados de saúde primários nas áreas de prevenção e terapêutica. Colocar as farmácias como unidades efetivas do sistema de saúde constituirá, cada vez mais, uma mais-valia para o sistema de saúde português, estando certo que a responsabilidade que temos visto assim o garantirá.

ROF – Debate-se, ainda, a possibilidade de dispensar medicamentos anti-retrovíricos nas farmácias. Será possível no futuro próximo? Quais as cautelas que devem ser observadas pelos farmacêuticos?
RSI – Nos últimos anos ocorreram importantes progressos nesta área terapêutica que se traduzem numa população portadora de VIH mais estável clinicamente. Nesse sentido, a dispensa deste tipo de medicamentos nas farmácias comunitárias foi identificada enquanto área potencial de intervenção, no sentido de aumentar a adesão, comodidade e acesso à terapêutica. Encontra-se a decorrer um estudo-piloto que pretende recolher evidência científica sobre o impacto de uma alteração do local de dispensa de medicamentos anti-retrovíricos do contexto da farmácia hospitalar para a farmácia comunitária, tendo em vista eventuais benefícios no acesso ao medicamento.
Os resultados deste piloto permitirão a tomada de uma decisão informada baseada em dados científicos em benefício da saúde e segurança do doente. Acresce que vários outros países dispõem já da possibilidade destes doentes obterem a sua terapêutica na farmácia, em melhores condições de acesso e proximidade.

ROF – Com a crise, alguns serviços públicos e privados acabaram por ficar muito limitados. A saúde não foi exceção. Como conseguiu o Infarmed manter a sua vigilância sobre o mercado dos medicamentos e a atividade farmacêutica?
RSI – Ao longo dos anos o Infarmed adotou procedimentos e organizou a sua forma de trabalho para corresponder aos cada vez mais exigentes desafios, quer no plano nacional, quer no plano internacional. Tais condições permitem que o Infarmed seja uma agência de referência, reconhecida pelos seus stakeholders e visível no cumprimento de um serviço público com qualidade, rigor e transparência. De referir ainda que, embora o momento difícil que o país atravessou, todas as atividades de vigilância e supervisão do mercado dos medicamentos e produtos de saúde foram reforçadas, incluindo o número de recursos humanos afetos a estas atividades. Os referidos procedimentos, a forma de adaptação aos desafios e o reforço de recursos, e sobretudo o empenho dos nossos colaboradores, foram decisivos para a manutenção operacional do Infarmed e para o cumprimento da sua missão de proteção da saúde pública.

// APRAZ-ME MUITO REGISTAR A POSIÇÃO MODELAR QUE A FARMÁCIA PORTUGUESA TEM A NÍVEL EUROPEU, PELA QUALIDADE DOS SERVIÇOS QUE PRESTA, SENDO DE REALÇAR A FORMA COMO FOI GENERALIZADA A PRESCRIÇÃO E DISPENSA ELETRÓNICA DESMATERIALIZADA NO NOSSO PAÍS, ONDE NOS ASSUMIMOS CLARAMENTE COM O *BENCHMARK* NA ÁREA DE *E-HEALTH*

ROF – Tivemos, recentemente, casos de saúde pública que a DGS gere e supervisiona, como os surtos de legionella e sarampo. Qual o papel do Infarmed em situações como estas? E numa situação mais grave, de surtos descontrolados?
RSI – Nestes casos específicos, ao Infarmed compete, em articulação com as demais entidades envolvidas, nomeadamente a DGS, garantir que estão reunidas todas as condições no circuito do medicamento para manter a acessibilidade a medicamentos de qualidade, seguros e eficazes, que permitam assegurar as terapêuticas consideradas necessárias a debelar as doenças envolvidas nesses surtos. Esta articulação está perfeitamente enquadrada nos diferentes protolocos de cooperação que resultam, não apenas de contingências de situações de emergência, mas da interação corrente que existe entre as diferentes entidades do setor da saúde.

ROF – O Infarmed tem grande reputação entre os portugueses, tal como outras autoridades ligadas à saúde pública (a DGS, por exemplo). Recentemente, teve de retirar mais alguns fármacos do mercado. Quais as razões?
RSI – Essas situações, embora indesejáveis, são na realidade um dos fatores que contribuem para a reputação que o Infarmed goza junto dos portugueses – saber que cada vez que toma um medicamento ou usa um produto de saúde existe uma equipa que trabalha para garantir a sua qualidade, segurança e eficácia. Assim, sempre que existe um alerta relativo a um medicamento, dispositivo médico ou a um produto cosmético, tal significa que o sistema de supervisão e regulação do mercado está em plena operacionalidade e que atua nos momentos em que algo não está em conformidade com o estabelecido. A tomada de decisão de recolha do mercado de medicamentos ou produtos de saúde é tomada com base numa análise de risco.

ROF – A saída do dr. Luz Rodrigues e a constituição da nova Coordenação Nacional do Medicamento acabaram por tornar, de certo modo, o Infarmed 'bicéfalo'. Concorda? Ou as duas instituições são complementares e reforçam a vigilância sobre os medicamentos?
RSI – A criação da Coordenação Nacional para a Estratégia Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde não implica qualquer sobreposição na missão do Infarmed a qual se encontra perfeitamente definida e, mais a mais, enquadrada no próprio Sistema Europeu do Medicamento. As Coordenações Nacionais, que por definição são consultivas, trabalham em articulação com os diferentes serviços do Ministério da Saúde, quer seja o Infarmed, quer os demais serviços da área da saúde. Assim, a Coordenação Nacional para a Estratégia Nacional do Medicamento e Produtos de Saúde, cujo coordenador nacional é o Prof. Doutor Henrique Luz Rodrigues, que conhece bem a função do Infarmed desde a sua criação, terá importância primordial como como elemento facilitador das decisões do Infarmed.

Somos Janssen.
Colaboramos com o mundo para a saúde de todos.

Concentramo-nos em todos os pequenos detalhes para que viva grandes momentos.
Perseguimos cada ideia, para que também possa perseguir as suas paixões.
Procuramos inovações onde quer que estejam, para que beneficie delas
em qualquer lugar do mundo. Transformamos a vida das pessoas.

SOMOS JANSSEN.

Janssen
PHARMACEUTICAL COMPANIES
OF Johnson&Johnson

Janssen-Cilag Farmacêutica, Lda.
Estrada Consiglieri Pedroso, 69 A, Queluz de Baixo, 2734-503 Barcarena | Portugal
Sociedade por quotas • Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Oeiras,
sob o n.º 10576 • Capital Social €2.693.508.64 • N.º Contribuinte 500 189 412
Material elaborado em setembro 2015 | PHPT/NPR/0915/0002

ALZHEIMER E O PAPEL DO FARMACÊUTICO

A Alzheimer Portugal é uma associação de âmbito nacional que existe desde 1988 para melhorar a qualidade de vida das pessoas com doença de Alzheimer ou outra forma de demência bem como dos seus cuidadores.
Apesar de todo o trabalho desenvolvido ao longo dos anos no sentido de informar a comunidade sobre o que são as demências, quais as suas características e sinais de alerta, como lidar com as alterações de comportamento e com as dificuldades que as pessoas afetadas enfrentam no seu dia-a-dia, a verdade é que ainda existe muito desconhecimento e ideias erradas sobre esta realidade que atinge cerca de 182 mil pessoas e respetivas famílias e amigos.

É importante ter presente que sendo o envelhecimento o principal fator de risco para desenvolver demência, a verdade é que estas duas realidades não são sinónimas. Existem pessoas de idade muito avançada que mantém as suas capacidades cognitivas. Existem, por outro lado, pessoas com menos de 65 anos com sintomas de demência.
Informar, sensibilizar, combater o isolamento e a solidão em que muitas pessoas com demência vivem, e as suas famílias, são prioridades da Alzheimer Portugal.
Vimos o farmacêutico como um parceiro na concretização das nossas prioridades. O farmacêutico atua na comunidade, está próximo, estabelece relação de confiança com a pessoa doente e com a sua família; tem experiência e conhecimento técnico; desempenha um papel chave na equipa de saúde; assume também uma função social.
Este profissional de saúde aconselha, informa, combate a iliteracia e promove a capacitação dos doentes e das suas famílias. Pode ainda encaminhar as famílias e as pessoas com demência para a Alzheimer Portugal. E esta disponibiliza informação adequada e específica, acompanha, encaminha, presta serviços especializados, procura melhor acesso aos cuidados de saúde e aos apoios sociais.

> [O FARMACÊUTICO] ACONSELHA, INFORMA, COMBATE A ILITERACIA E PROMOVE A CAPACITAÇÃO DOS DOENTES E SUAS FAMÍLIAS. PODE ENCAMINHAR AS FAMÍLIAS E AS PESSOAS COM DEMÊNCIA PARA A ALZHEIMER PORTUGAL, E ESTA DISPONIBILIZA INFORMAÇÃO [...], PRESTA SERVIÇOS ESPECIALIZADOS, PROCURA MELHOR ACESSO AOS CUIDADOS DE SAÚDE E AOS APOIOS SOCIAIS

ALGUNS SERVIÇOS DA ALZHEIMER PORTUGAL PARA OS QUAIS AS FARMÁCIAS PODEM ENCAMINHAR:

LINHA DE APOIO INFORMAR +
213 610 465 | DIAS ÚTEIS | DAS 9H30 ÀS 13H E DAS 14H00 ÀS 17H
Trata-se de um serviço de atendimento telefónico também com atendimentos presenciais e consultas de apoio psicológico na crise, em settings terapêuticos adequados. É um serviço inovador que procura dar resposta imediata aos pedidos de informação, incluindo às próprias pessoas com demência. Desde 2014, já apoiou mais de 5.900 pessoas.

GRUPOS DE SUPORTE PARA FAMILIARES E AMIGOS
Uma oportunidade de encontro de familiares e amigos de pessoas com demência, cuidadores que vivem problemas idênticos e que, em comum, os podem analisar, trocando impressões e experiências, dando e recebendo sugestões.
Existem grupos de suporte em diversos locais do país, com diferentes periodicidades.
PARA LER MAIS: HTTP://ALZHEIMERPORTUGAL.ORG/PT/GRUPOS-DE-SUPORTE

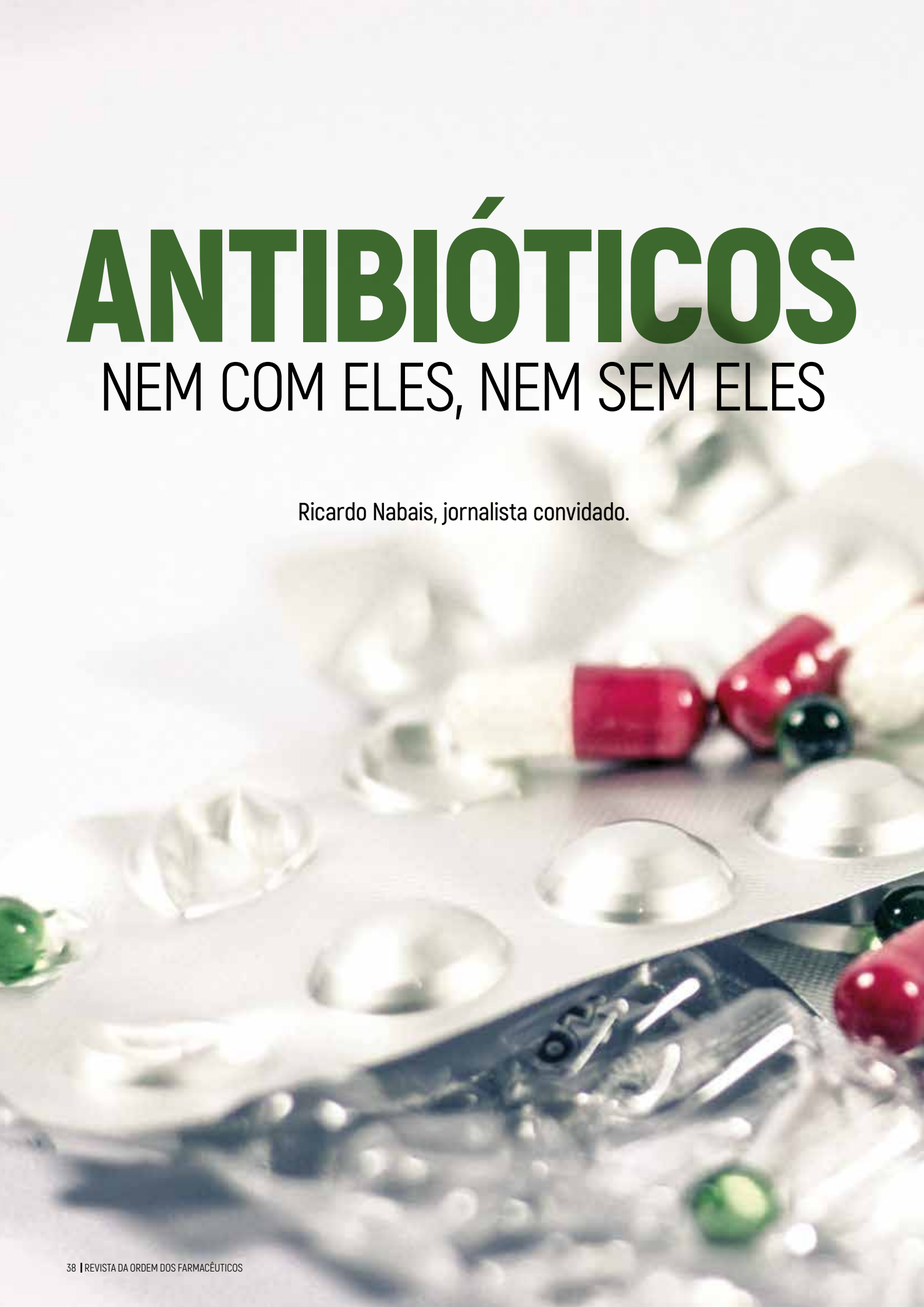
CAFÉ MEMÓRIA: UM LOCAL DE ENCONTRO PARA PARTILHA DE EXPERIÊNCIAS E SUPORTE MÚTUO
O «Café Memória» é um local de encontro destinado a pessoas com problemas de memória ou demência, bem como aos respetivos familiares e cuidadores, para partilha de experiências e suporte mútuo, com o acompanhamento de profissionais de saúde ou de ação social.
Para ler mais: http://alzheimerportugal.org/pt/cafe-memoria

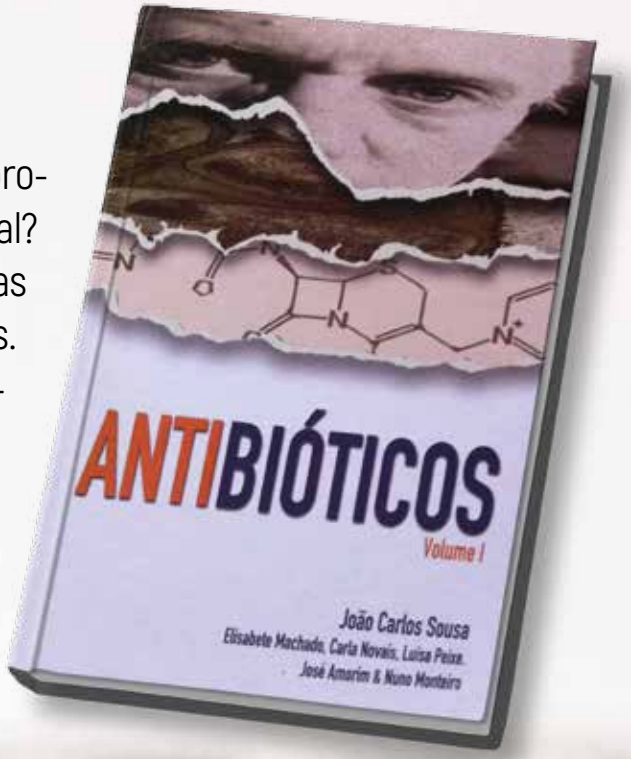
FORMAÇÃO
A Alzheimer Portugal é certificada como Entidade Formadora pela DGERT (Direção Geral do Emprego e das Relações de Trabalho).
A associação desenvolve diversas ações de formação destinadas quer a cuidadores familiares quer a cuidadores profissionais.
Acreditamos na formação como uma ferramenta privilegiada para disseminar boas práticas que experienciamos nos equipamentos que gerimos e nos serviços que prestamos.
PARA LER MAIS: HTTP://ALZHEIMERPORTUGAL.ORG/PT/FORMACAO

ANTIBIÓTICOS

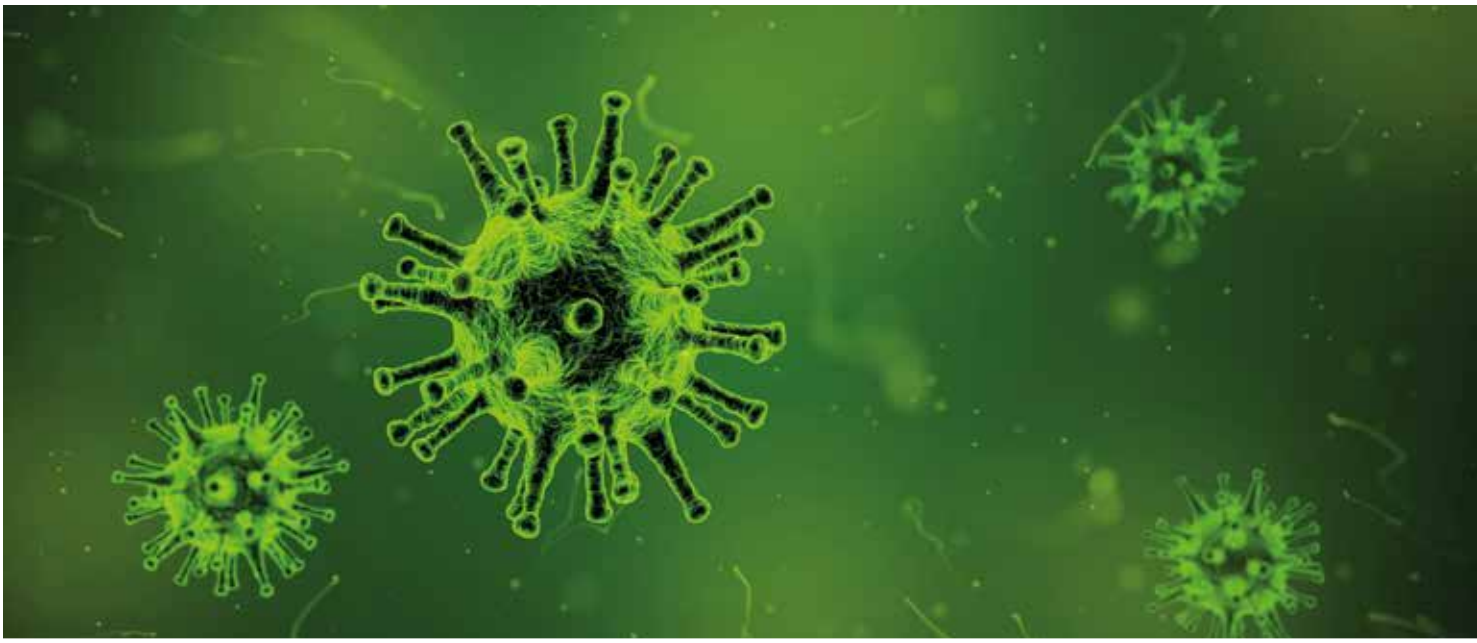
NEM COM ELES, NEM SEM ELES

Ricardo Nabais, jornalista convidado.





Chegou ao fim a era dos antibióticos, como já proclamaram alguns meios de comunicação social? Não. Mas os perigos associados à resistência das bactérias aos antibióticos são cada vez maiores. João Carlos Sousa, professor catedrático da Universidade Fernando Pessoa e da Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto coordenou o livro Antibióticos, inteiramente dedicado a esta terapêutica, e fala sobre um dos maiores problemas de saúde pública do século XXI.



> APESAR DO APARECIMENTO DAS NOVAS MOLÉCULAS, A RESISTÊNCIA TEM VINDO A AUMENTAR PROGRESSIVAMENTE E ADMITE-SE QUE EM 2050, SE NÃO MUDAR A POLÍTICA DO USO DE ANTIBIÓTICOS, CERCA DE 10 MILHÕES DE DOENTES MORRERÃO COM INFEÇÕES MULTIRRESISTENTES AOS ANTIBIÓTICOS.

Após a descoberta do primeiro antibiótico, a penicilina, pensou-se que as doenças infeciosas iam deixar de existir. Introduzida na terapêutica em 1942, em plena II Guerra Mundial, fez baixar drasticamente a incidência das infeções pneumocócicas e gonocócicas. O famoso cirurgião W.Stuart chegou mesmo a defender que os livros de Infecciologia já não eram necessários. Mas o próprio Alexander Fleming já tinha afirmado, em 1946, que as resistências bacterianas aos antibióticos eram inevitáveis. Nos anos seguintes, foram descobertas novas famílias de antibióticos a partir de microrganismos dos solos. O seu uso clínico originou de imediato o aparecimento de estirpes bacterianas resistentes.

As bactérias têm mecanismos de resistência aos antibióticos por processos naturais ou adquiridos por transferência genética e inibem a atividade farmacológica dos diversos antibióticos, como já previa Fleming.

A massificação do seu consumo na terapêutica humana e veterinária, o seu uso como promotores do crescimento animal, a sua adição na preservação de flores e frutos e a presença de detritos de antibióticos nos solos e outros nichos ecológicos promoveram a disseminação de estirpes bacterianas co-resistentes a diversas famílias de antibióticos. A pesquisa de novas moléculas semi-sintéticas, a partir dos antibióticos naturais, ou de síntese química, procurou ultrapassar esses mecanismos de resistência.

Apesar do aparecimento das novas moléculas, a resistência tem vindo a aumentar progressivamente e admite-se que em 2050, se não mudar a política do uso de antibióticos, cerca de 10 milhões de doentes morrerão com infeções multirresistentes (MDR) aos antibióticos.

A CULPA É DOS "SUPERBUGS"

Por isso, há quem agora proclame não o fim das doenças infeciosas, mas dos antibióticos.

Também não é verdade. Porém, os perigos associados à resistência das bactérias aos antibióticos são cada vez maiores. João Carlos Sousa, professor catedrático da Universidade Fernando Pessoa, e os seus colegas da Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto publicaram recentemente o livro Antibióticos-vol.1 (ed.UFP), inteiramente dedicado a esta terapêutica.

O uso abundante destes medicamentos seleciona estirpes resistentes aos diversos antibióticos e, por essa razão, nos locais de maior consumo, como hospitais, centros de saúde e lares de terceira idade, as infeções nosocomiais ocorrem frequentemente. Os agentes etiológicos MDR (MRSA, VRSA, P*seudomonas, Acinetobacter, E.coli, K.pneumoniae* e outros), vulgarmente designados por "Superbugs", são a principal causa dessas infeções.

O livro Antibióticos-vol.1 mostra a evolução temporal das moléculas dos antibióticos antiparietais, integrados na terapêutica para resolver as situações infeciosas causadas por agentes resistentes aos antibióticos convencionais. "Neste trabalho são apresentados os antibióticos antiparietais com atividade na biossíntese do peptidoglicano, a molécula específica da parede celular da célula bacteriana, com abordagem dos seus mecanismos de ação, de resistência bacteriana, farmacocinética dos antibióticos no hospedeiro e os seus efeitos farmacodinâmicos. Neste grupo cabem os antibióticos β-lactâmicos, os mais usados na terapêutica humana", explica João Carlos Sousa.

No livro discute-se, ainda, os diversos mecanismos de resistência bacteriana aos antibióticos, exibida a sua fácil disseminação para outras bactérias da mesma espécie ou espécies diferentes, e os elementos genéticos móveis que facilitam essa disseminação.

É também referida a importância do mau uso de antibióticos na agropecuária, como promotores do crescimento animal, responsáveis pelo aumento da incidência de estirpes bacterianas resistentes aos antibióticos, transferíveis para o Homem através da cadeia alimentar. É o caso

> EM PORTUGAL, A PERCENTAGEM DE INFEÇÕES NOSOCOMIAIS (CONTRAÍDAS NO HOSPITAL) CHEGOU A 10% EM 2013...

do uso da avoparcina, usada na alimentação de aves e suínos, que vão promover a predominância no intestino desses animais de estirpes de Enteroccus spp. resistentes à vancomicina (VRE), antibiótico usado na clínica humana. O estudo do microbioma dos solos, adubados com os detritos das explorações pecuárias, mostra a alta incidência de estirpes bacterianas com co-resistência a dezenas de antibióticos de diferentes famílias, muitas delas passíveis de causar infeções humanas.

ESTAMOS CERCADOS...

Brevemente será publicado o volume 2 desta obra, pelos mesmos autores, sobre antibióticos inibidores da síntese proteica (cloranfenicol, aminoglicosídeos, tetraciclinas, macrólidos, lincosamidas, estreptograminas e oxazolidinonas). Estamos cercados, portanto, por bactérias resistentes aos antibióticos... E podemos aqui deixar números curiosos, de passagem. Nos EUA, nos primeiros anos desta década, a resistência a antibióticos matou mais pessoas do que os homicídios registados: o saldo foi de 23 mil mortos contra mais de 15 mil assassínios por armas de fogo. Em Portugal, a percentagem de infeções nosocomiais (contraídas no hospital) chegou a 10% em 2013... Mas há mais: em 2010, uma análise a 85 autocarros no Porto detetou 55 MRSA em 22 deles. Quanto ao consumo de antibióticos no nosso país, depois de vários anos acima da média europeia, finalmente decresceu a partir de 2012, situando-se abaixo do dos restantes países do Velho Continente. "A população ouve falar, sabe pouco, mas gosta de tomar estes medicamentos", diz João Carlos Sousa. Apesar dos esforços das autoridades de saúde, um pouco por todo o mundo desenvolvido, para alertar as populações sobre o uso indevido de antibióticos, a verdade é que as pessoas ainda os veem como uma espécie de panaceia que cura todos os males. João Carlos Sousa e colegas reforçam, por isso, a mensagem: deve-se "usar os antibióticos somente quando houver justificação. As gripes (doenças virais), por exemplo, não os requerem, mas há quem os tome" e quem os prescreva. Os antibióticos não têm actividade antiviral.

NUNCA TEREMOS UM ANTIBIÓTICO 'GORILA-CILINA'

"O que não é inevitável é não tomar medidas adequadas para reduzir os avanços rápidos da resistência bacteriana aos antibióticos". Daí que os alertas devem ser lançados, também, especialmente, aos profissionais de saúde. As infeções hospitalares e nos centros de saúde devem ser diminuídas, e a solução passa por um "uso moderado de antibióticos e medidas de higiene e informação da população em geral", completa João Carlos Sousa.

Há quem anuncie o fim dos antibióticos como solução eficaz de tratamento, num futuro próximo. A própria Newsweek fez capa a anunciar esta espécie de apocalipse adiado. Ainda não chegámos lá, mas João Carlos Sousa adverte: "Não há fim para a nossa luta contra as bactérias; nunca venceremos a guerra contra elas e nunca virá um antibiótico 'gorila-cilina' para nos salvar da resistência bacteriana. Ela é inevitável". A contenção nas prescrições, a proibição da venda direta sem receita médica nas farmácias continuam a ser as maiores armas. Ou, vá lá, as possíveis...

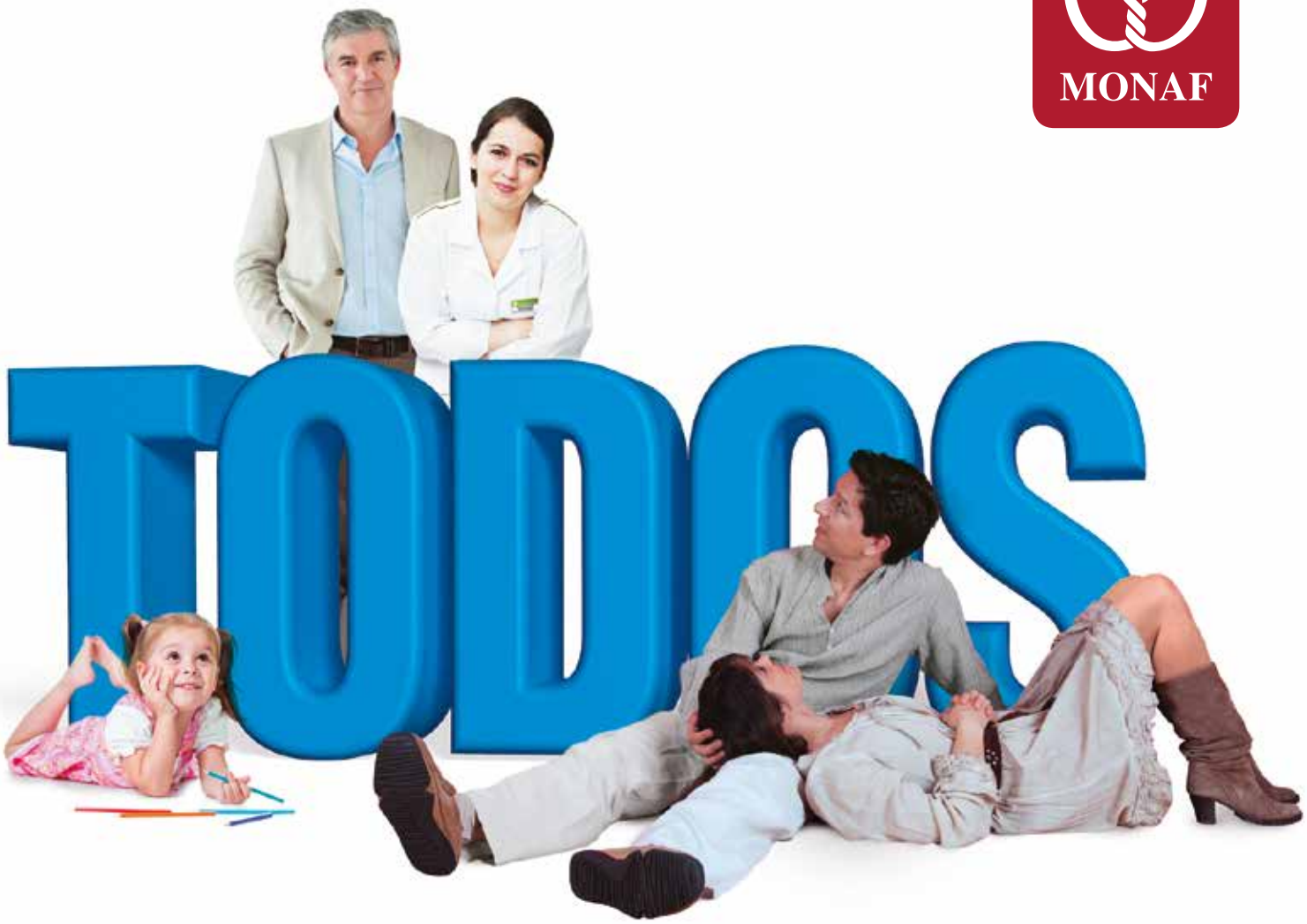
// OS ALERTAS DEVEM SER LANÇADOS, TAMBÉM, AOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE. AS INFEÇÕES HOSPITALARES E NOS CENTROS DE SAÚDE DEVEM SER DIMINUÍDAS, E A SOLUÇÃO PASSA POR UM "USO MODERADO DE ANTIBIÓTICOS E MEDIDAS DE HIGIENE E INFORMAÇÃO DA POPULAÇÃO EM GERAL".

Bial

ao serviço da sua Saúde

A Saúde é o nosso sonho. Porque acreditamos que os sonhos se perseguem, investigamos e desenvolvemos novos medicamentos que proporcionam mais e melhor vida. Em Portugal e no mundo. Várias gerações sempre ao serviço da sua Saúde. E **há sonhos que se tornam realidade...**

MONAF



Todos nesta família têm um plano

Seja Associado

30 ANOS MONAF

Agora é mais fácil fazer parte de uma das mais importantes Associações Mutualistas de Portugal. Podem ser novos Associados todos os proprietários de farmácias ou sócios de sociedade proprietária de farmácia, assim como todos os colaboradores efetivos de farmácia e todos os cônjuges, ascendentes ou descendentes em 1º grau de um Associado efetivo. Mais de 3000 Associados já beneficiam do MONAF por inteiro. Junte-se à família.

Montepio Nacional da Farmácia, A.S.M.
Rua Marechal Saldanha, 1 | 1249-069 Lisboa | Telf.: 213 400 690 - 213 400 693
monaf@monaf.pt | www.monaf.pt